47º CONSELHO CONSULTIVO
BEIRA, 02 A 04 DE NOVEMBRO 2022

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE:

O CASO DA PROVÍNCIA DE SOFALA

BANCO DE MOÇAMBIQUE
CADERNO DAS INTERVENÇÕES E DEBATES NO
47.º CONSELHO CONSULTIVO DO BANCO

Beira, 4 de Novembro de 2022

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE:

O CASO DA PROVÍNCIA DE SOFALA

BANCO DE MOÇAMBIQUE
CADERNO DAS INTERVENÇÕES E DEBATES NO
47.º CONSELHO CONSULTIVO DO BANCO

ÍNDICE GERAL

NOTA INTRODUTÓRIA.....VII

DISCURSO DE ABERTURA: BANCO DE MOÇAMBIQUE.....IX

NOTA DE BOAS-VINDAS: GOVERNO PROVINCIAL DE SOFALA..... XV

NOTA DE BOAS-VINDAS: CONSELHO AUTÁRQUICO DA CIDADE DA BEIRA..XXI

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE: O CASO DE SOFALA.....XXV

NOTA INTRODUTÓRIA

O Banco de Moçambique (BM) realizou, entre os dias 2 e 4 de Novembro de 2022, na cidade da Beira, província de Sofala, o seu 47.º Conselho Consultivo (CCBM). Como habitualmente, os primeiros dois dias de trabalho foram reservados ao debate de assuntos relacionados com a gestão interna da instituição, e o terceiro dia foi dedicado à apresentação pública de um tema de investigação de interesse da província hospedeira do encontro, em particular, e do país, em geral.

Para a sessão pública, o Conselho de Administração do BM escolheu o tema **"Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso da Província de Sofala"**, dado que a indústria açucareira é preponderante para Sofala e para o país, como fonte de emprego, geração de divisas e provisão de serviços básicos para as comunidades em que está inserida.

A apresentação e debate deste tema foi presidida por Sua Excelência o Governador do BM e contou com a presença de convidados internos e externos. Dos convidados externos, destacam-se as presenças de Sua Excelência o Governador da Província de Sofala, do Excelentíssimo Presidente do Conselho Autárquico da Cidade da Beira, dos produtores da cana-de-açúcar, representantes das açucareiras, de instituições de crédito e de pesquisa, e a imprensa.

O presente caderno constitui uma colectânea das intervenções e dos debates realizados em volta do tema e inclui: *(i)* o discurso de abertura proferido por Sua Excelência o Governador do BM; *(ii)* as notas de boas-vindas proferidas por Sua Excelência o Governador da Província de Sofala e pelo Excelentíssimo Presidente do Conselho Autárquico da Beira; *(iii)* o estudo "**Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso da Província de Sofala**" apresentado pelo Director do Departamento de Estudos Económicos do BM; *(iv)* o resumo das intervenções da audiência durante a sessão de debate; e *(v)* as notas finais, que resumem as conclusões e recomendações da apresentação pública do estudo.

Com este caderno, o terceiro nesta colectânea, o BM disponibiliza ao público e aos actores-chave do sector, o estudo, as suas principais recomendações e um resumo dos debates, tendo em vista a busca de soluções para os desafios identificados.

DISCURSO DE ABERTURA:
BANCO DE MOÇAMBIQUE

Sua Excelência o Governador do BM
Rogério Lucas Zandamela

Senhor Governador da Província de Sofala, Excelência,

Senhores Antigos Governadores do Banco de Moçambique, Excelências,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Municipal da Cidade da Beira,

Excelentíssimos Senhores Membros do Conselho de Administração do Banco de Moçambique,

Excelentíssimos Senhores Antigos Administradores do Banco de Moçambique,

Excelentíssimos Senhores Representantes de Instituições do Governo,

Excelentíssimos Senhores Representantes de Organizações Internacionais,

Excelentíssimos Senhores Representantes de Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras,

Distintos Convidados,

Minhas senhoras,
Meus Senhores,

Inicio a minha intervenção agradecendo, em nome do Conselho de Administração do Banco de Moçambique e em meu nome, a vossa presença nesta sessão do quadragésimo sétimo Conselho Consultivo do Banco de Moçambique.

Endereço, de forma especial, os nossos agradecimentos ao Governo da província e ao Conselho Municipal da Cidade da Beira, pela inestimável colaboração durante o processo de preparação deste evento, bem como pela calorosa recepção e hospitalidade.

Os nossos agradecimentos são extensivos a todos aqueles que contribuíram para que este encontro se realizasse, incluindo a Comissão Organizadora do evento, os provedores de serviços e os munícipes da cidade da Beira.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Iniciamos os nossos trabalhos há dois dias, que consistiram essencialmente na análise e debate de assuntos de cariz interno que culminaram em recomendações que permitirão melhorar, cada vez mais, a actuação e o desempenho da nossa instituição.
Durante a nossa estadia nesta cidade, interagimos com os munícipes, onde foi possível testemunhar os avanços na componente económica e social que as autoridades governamentais e municipais têm vindo a empreender, visando a melhoria do bem-estar das comunidades locais.

Tivemos ainda a oportunidade de efectuar visitas a alguns empreendimentos económicos locais, com destaque para a Açucareira de Mafambisse (Tongaat Hulett) e a MEREC Industries, unidade fabril destinada à produção de farinhas de milho e de trigo, massas, entre outros produtos.

Notámos que, não obstante o impacto negativo da pandemia de COVID-19 e dos choques climáticos sobre o tecido empresarial, as unidades fabris retro mencionadas e outras iniciativas locais têm estado a impulsionar a criação de emprego e a geração de rendimento, melhorando assim o bem-estar das famílias locais.

Como tem sido tradição, por ocasião dos Conselhos Consultivos e no âmbito da responsabilidade social, o Banco de Moçambique tem apoiado algumas iniciativas locais.

Para o caso da Cidade da Beira, o Banco de Moçambique ficou sensibilizado com as condições do Centro Infantil Melanie e do Centro Siloé, tendo decidido financiar a reabilitação destes centros, através do melhoramento e apetrechamento das infra-estruturas.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

O terceiro e último dia do nosso Conselho Consultivo é reservado a uma reflexão aberta ao público sobre uma temática de interesse para a economia local, em particular, e nacional, em geral.

Para o presente ano, elegemos o tema “Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso de Sofala”.

Permitam-me referir que para além dos estudos já elaborados sobre esta temática, trazemos a nossa contribuição que, *per si* não encerra o debate sobre este tópico, mas suscita questionamentos sobre que acções são necessárias para ultrapassar os constrangimentos que afectam o desenvolvimento do potencial de toda a cadeia de valor do sector do açúcar.

Apesar do estudo cingir-se ao caso específico da Província de Sofala, acreditamos que no final desta sessão, iremos colher contribuições e extrair lições sobre os principais constrangimentos e oportunidades para a maximização da produção do açúcar e dos derivados da cana-de-açúcar no país.

Uma das constatações do estudo é que não obstante as medidas proteccionistas e os incentivos atribuídos, a indústria ainda está a operar muito abaixo do seu potencial, e a produção actual do açúcar tende a reduzir.

A título de exemplo, a produção total do açúcar nos últimos cinco anos atingiu o máximo de 415 mil toneladas em 2019, tendo a cifra recuado para cerca de 270 mil toneladas em 2021, reduzindo, igualmente, a sua contribuição no emprego, no produto interno bruto e na arrecadação de divisas.

Ainda sobre o impacto da redução da produção do açúcar no emprego, dos cerca de 30 mil trabalhadores que estavam empregados em 2013, registou-se uma redução para quase metade em 2021.

Adicionalmente, o peso do açúcar na indústria transformadora baixou de 11 por cento em 2013 para apenas 2 por cento em 2021, enquanto as receitas de exportação declinaram de cerca de 156 milhões de dólares para cerca de 40 milhões de dólares, no mesmo período.

Para além dos aspectos acima descritos, há um entendimento por parte dos produtores da falta de transparência no processo de formação de preços da cana-de-açúcar e ausência de uma estratégia integrada, visando maximizar a cadeia de valor da cana-de-açúcar.

Como forma de maximizar os ganhos na indústria, o estudo sugere, entre outros aspectos, a definição e implementação de um Plano Director para a promoção do sector açucareiro. Em nosso entender, o referido Plano deverá conter uma estratégia clara de diversificação para aproveitamento de subprodutos da cana, mecanismos de coordenação de investimentos, pesquisas, determinação de preços e responsabilidade social.

É nossa convicção que o debate que se seguirá à apresentação do documento preparado pela nossa equipa de trabalho, servirá de base para a definição de directrizes que ajudarão a maximizar os ganhos na indústria do açúcar em Sofala e no país em geral.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Para terminar, gostaria de reiterar os votos de boas-vindas a todos os participantes, confiante de que iremos, mais uma vez, beneficiar de um debate franco, aberto e construtivo.

Declaro, assim, aberta a sessão pública do quadragésimo sétimo Conselho Consultivo do Banco de Moçambique.

NOTA DE BOAS-VINDAS:
GOVERNO PROVINCIAL DE SOFALA

Sua Excelência o Governador da Província de Sofala
Lourenço Ferreira Bulha

Sua Excelência Rogério Lucas Zandamela, Governador do Banco de Moçambique,

Suas Excelência Antigos Governadores do Banco de Moçambique;

Senhor Vice-Governador do Banco de Moçambique;

Excelentíssimos Senhores Administradores do Banco de Moçambique;

Excelentíssimos Senhores Representantes de Instituições de Crédito e Sociedades Financeiras,

Senhores Membros do Conselho Executivo Provincial e Representantes de Instituições Estatais,

Excelentíssimo Senhor Administrador do Distrito da Beira,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Autárquico da Beira,

Caros Gestores e Técnicos do Banco de Moçambique,

Senhores Representantes do Sector Açucareiro de Sofala,

Caros Empresários,

Distintos Convidados;

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

É com entusiasmo que nos dirigimos a todos os participantes deste quadragésimo sétimo Conselho Consultivo do Banco de Moçambique subordinado ao tema "Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso da Província de Sofala".

Queremos, desde já, aproveitar a oportunidade para expressar os nossos melhores cumprimentos e agradecer o convite que nos foi formulado, para em sede deste Conselho Consultivo, desejar boas-vindas à nossa Província.

Assim, em nome da população da Província e em meu nome, gostaria de endereçar calorosas saudações a todos que se dignaram em participar neste fórum.

Saudamos de modo especial, à Comissão Organizadora deste Consultivo, sob liderança de Sua Excelência Rogério Lucas Zandamela, por ter escolhido a nossa Província para acolher este evento de grande magnitude, que decorre sob o tema

Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique, o que, no nosso entender, irá permitir um melhor entendimento dos problemas que afectam negativamente o sector da indústria açucareira.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

A província de Sofala dispõe de condições favoráveis para a produção da cana-de-açúcar, dada a abundância de solos férteis, disponibilidade de água nos vales dos rios Zambeze, Púnguè e Búzi, a disponibilidade de infra-estruturas ferroviárias e portuárias, proporcionando, assim, grandes vantagens para o escoamento da produção nacional, não obstante a limitação das vias de acesso rodoviário.

Portanto, entendemos que este fórum, por um lado, irá contribuir na identificação dos principais constrangimentos que afectam o crescimento da indústria açucareira, e por outro lado, influenciar na identificação de oportunidades para o processamento e reaproveitamento dos derivados em toda a cadeia de valor da cana-de-açúcar.

Distintos Convidados,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Cientes do relativo baixo nível de eficiência das fábricas, quando comparado com a região, bem assim da necessidade (i) de maior investigação e assistência técnica, (ii) de associativismo para zelar pelos interesses da indústria, e (iii) de integração de todos os actores da cadeia de valor no processo de produção e comercialização, entendemos que é possível reverter o cenário.

Ainda assim, reconhecendo a significativa contribuição do sector nas exportações e estabilização da balança de pagamentos, queremos saudar os esforços que têm sido empreendidos para garantir que o preço do açúcar doméstico continue sendo competitivo ao nível da região.

Para terminar, desejamos a todos os participantes um bom debate, na expectativa de que se alcance os resultados esperados.

Pela atenção dispensada, vai o nosso muito obrigado!

NOTA DE BOAS-VINDAS:
CONSELHO AUTÁRQUICO DA CIDADE DA BEIRA[1]

Excelentíssimo Senhor Presidente do
Conselho Autárquico da Cidade da Beira
Albano Carige

[1]Transcrição livre do seu discurso proferido efectuada pelo editor do Caderno.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Antes queria agradecer a Deus pela grande bênção que esta cidade teve por ser considerada a cidade anfitriã para realização do 47.º Conselho Consultivo do Banco de Moçambique.

Recordar que esta cidade é uma cidade que esta localizada no centro do país, com muitos desafios e nos últimos tempos foi provado que passou a ser severamente afectada pelas mudanças climáticas. Estamos a falar de depressões tropicais, ciclones e chuvas torrenciais. E este grande evento veio nos dar mais um calor para percebermos que afinal de contas, apesar de todos estes eventos nós ainda temos uma parceria muito forte, temos um calor muito forte, somos pessoas especiais, porque existem muitas cidades, mas este Conselho Consultivo foi preparado para se realizar aqui na Beira, e com este grande tema Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique.

E digo mais, vamos aproveitar o debate sobre este grande tema para ainda expandirmos para outras grandes indústrias. A Beira é conhecida como uma cidade onde sai o melhor camarão do mundo, e porquê da próxima vez, ou o porquê as outras empresas não podem também desafiar para avançarmos naquilo que será a oportunidade da indústria pesqueira, por exemplo. Da Beira saem muitos produtos para vários cantos do país, e porquê é que não podemos buscar estes grandes produtos para provar ao mundo que nós somos grandes naquilo que nós temos.

Quero agradecer imensamente a Sua Excelência Governador do Banco de Moçambique, porque não está a brindar-nos apenas com este grande Conselho Consultivo. Dizia eu ao Governador, quando ele chegou, que nós já temos um jardim que antigamente era um local em que muitas vezes as pessoas de má-fé extorquiam algumas pessoas. Mas hoje, a partir de sexta, sábado e domingo virou um lugar completamente turístico, são casamentos, são aniversários, são muitas outras actividades que contribuem para mudar e transformar o visual da Beira a partir do Banco de Moçambique.

Por isso, quero desejar a todos boas-vindas a esta cidade, desfrutem de tudo de bom que esta cidade oferece e deixem tudo o que vocês acham que devem ser as recomendações para melhorarmos mais a nossa convivência, a nossa forma de ser e estar, porque afinal de contas nós queremos ser o ponto de referência. Estava a conversar com o Dr. Comiche sobre os grandes desafios que eu tenho na Beira, mas eu dizia também para ele, eu sei que ele também tem, porque muita gente pensa que em Maputo é onde tem tudo e quando chegam lá, tem que conviver com muitos hábitos e costumes, e cada hábito é um desafio e cada costume também é um desafio.

E, estamos aqui também para aprender e a única coisa que eu queria deixar como recomendação é que tudo o que vai acontecer aqui que não permaneça apenas no papel. Temos de procurar transformar esses registos todos que vão existir aqui, quer em papéis, quer em imagens, quer em câmaras fotográficas numa realidade, porque tenho a plena certeza de que temos tudo para fazer uma revolução muito forte.

A partir do açúcar exportado podemos imediatamente aumentar o nosso PIB *per capita*. E se estivermos a aumentar o rendimento, vamos reduzir a dependência e não vamos nos ressentir tanto das guerras entre a Ucrânia e a Rússia e de outros factores. Temos de fazer algo porquê se estivéssemos a produzir cereais em quantidade não estaríamos a nos ressentir desta situação toda.

Mais uma vez, muito obrigado Excelência.

Esta oportunidade veio galvanizar-nos e desafiar a todos que aqui estamos.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE:

O CASO DA PROVÍNCIA DE SOFALA

Índice

SUMÁRIO EXECUTIVO 5

I. INTRODUÇÃO 7

II. REVISÃO DE LITERATURA 11

2.1. Panorama Global da Produção da Cana-de-açúcar e do Açúcar 11

2.2. Principais Referências Internacionais na Produção do Açúcar 15

III. DESEMPENHO E CONTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE 25

3.1. Produção da Cana-de-Açúcar 25

3.2. Panorama e Desempenho da Indústria Açucareira em Moçambique 27

IV. DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA: O CASO DA PROVÍNCIA DE SOFALA 38

4.1. Breve Caracterização da Indústria Açucareira em Sofala 38

4.2. Principais Desafios na Indústria Açucareira 40

4.3. Principais Oportunidades na Indústria Açucareira 43

V. PROPOSTAS DE MEDIDAS PARA MAXIMIZAÇÃO DOS GANHOS NA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE 44

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

VII. QUESTÕES PARA DEBATE 48

BIBLIOGRAFIA 49

ANEXO 1: Metodologia e Instituições Contactadas 55

ANEXO 2: Organograma da Associação do Açúcar da África do Sul 57

ANEXO 3: Síntese das Intervenções da Audiência na Apresentação Pública do Estudo 58

ANEXO 4: Notas Finais do Debate 74

Lista de Tabelas

Tabela 1: Produção da Cana-de-açúcar no Mundo em 2020 12
Tabela 2: Alguns Indicadores Socioeconómicos da Indústria em Países Seleccionados (2020) 13
Tabela 3: Medidas Tomadas pelo Governo Brasileiro para Alavancar o Sector Açucareiro na Década 70 15
Tabela 4: Factores Determinantes da Performance da Indústria do Açúcar na Índia 17
Tabela 5: Aspectos Relevantes da Indústria Açucareira de Essuatíni 19
Tabela 6: Principais Determinantes para Transformação da Indústria nas Maurícias 20
Tabela 7: Medidas de Política Implementadas pelo Governo das Maurícias 21
Tabela 8: Principais Lições das Experiências Internacionais 23
Tabela 9: Fábricas de Açúcar a Operar em Moçambique e Capacidade de Produção 28
Tabela 10: Análise Comparativa da Eficiência da Indústria Açucareira – 2021 32
Tabela 11: Preço Médio de Açúcar Castanho (1kg) no Mercado a Retalho (Junho de 2022) 32
Tabela 12: Peso da Indústria Açucareira no PIB (%) 32
Tabela 13: Benefícios Sociais das Comunidades para Indústria Açucareira 34
Tabela 14: Resumo dos Incentivos Concedidos pelo Governo à Indústria Açucareira 35
Tabela 15: Evolução do Consumo do Açúcar (Toneladas) 37
Tabela 16: Propostas de Acções para a Dinamização da Indústria Açucareira 45
Tabela 17: Instituições Contactadas 55

Lista de Figuras

Figura 1: Subprodutos da Cana-de-açúcar 14
Figura 2: Cadeia de Valor do Açúcar em Moçambique 30
Figura 3: Mapa da Província de Sofala e Capacidade das Açucareiras 38

Figura 4: Análise das Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças na Indústria Açucareira 43

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Produção da Cana-de-açúcar no Globo em Toneladas (1961-2020) 11
Gráfico 2: Maiores Produtores e Consumidores do Açúcar (% da Produção Mundial) 13
Gráfico 3: Maiores Exportadores de Açúcar entre 2016 e 2021 (% da Produção Mundial) 13
Gráfico 4: Produção da Cana-de-Açúcar no País (1961-2020) – Toneladas 26
Gráfico 5: Evolução da Plantação da Cana-de-Açúcar em Países Seleccionados (1961-2020) – ha 26
Gráfico 6: Evolução de Emprego na Indústria Açucareira 33
Gráfico 7: Evolução da Receita Fiscal da Indústria Açucareira 33
Gráfico 8: Exportações e Importações do Açúcar (mio de USD) 34
Gráfico 9: Evolução do Preço Internacional do Açúcar (c/USD/libra peso) 34
Gráfico 10: Produção do Açúcar em Moçambique (1961 e 2021) – Tons 36
Gráfico 11: Consumo *per capita* em Países Seleccionados (kg) 36
Gráfico 12: Emprego Total em Sofala *vs* Emprego da Indústria Açucareira em Sofala (2017-2021) 40
Gráfico 13: Peso do Emprego em Sofala no Total da Indústria Açucareira (%) 40
Gráfico 14: Evolução da Exportações e Importações do Açúcar em Sofala 41
Gráfico 15: Evolução das Receitas Fiscais da Indústria Açucareira em Sofala no Total da Indústria 41
Gráfico 16: Evolução do IDE na Indústria Açucareira de Sofala 41
Gráfico 17: Peso do IDE no sector de Açúcar sobre o IDE Total 41
Gráfico 18: Produção de Açúcar por Campanha em Sofala 42
Gráfico 19: Área Plantada e Produção de Cana em Sofala 42

Lista de Caixas

Caixa 1: Actores da Indústria do Açúcar em Moçambique 30

Lista de Siglas

ACP – África, Caraíbas e Pacífico

AT – Autoridade Tributária de Moçambique

APAMO – Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique

BM – Banco de Moçambique

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social

CABRI - Iniciativa Colaborativa para a Reforma Orçamental em África

DNA – Distribuidora Nacional de Açúcar

ESA – Eswatini Sugar Association

EUA – Estados Unidos da América

FAO – Food and Agriculture Organization

FOFA - Forças, oportunidades, fraquezas e ameaças

IDE – Investimento directo estrangeiro

IGC – International Growth Center

INE – Instituto Nacional de Estatística

IVA – Imposto Sobre o Valor Acrescentado

MADER – Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural

MIC – Ministério da Indústria e Comércio

OCDE – Organização para a Economia e a Cooperação

PIB – Produto interno bruto

RV – Valor Recuperável

SADC – Southern Africa Development Community

SASA – South African Sugar Association

UE – União Europeia

USD – Dólar Norte Americano

SUMÁRIO EXECUTIVO

A indústria açucareira apresenta um elevado potencial para o desenvolvimento inclusivo de Moçambique e da província de Sofala em particular. Em termos de empregabilidade, por exemplo, no pico da campanha de produção da cana-de-açúcar, a indústria gera directa e indirectamente 31 mil postos de trabalho, e as fábricas chegam a empregar cerca de 25 mil trabalhadores, dos quais metade em Sofala.

Reconhecendo a importância do sector, o Governo concede incentivos, com destaque para a isenção do IVA na cadeia de valor do açúcar e imposição da sobretaxa sobre as importações do açúcar. Entretanto, apesar dos incentivos e da capacidade de processamento de açúcar existente no país, a produção da cana-de-açúcar e do açúcar tendem a reduzir e a indústria não está a maximizar o seu potencial. No caso de Sofala, de um total de 100 mil toneladas de açúcar produzidas em 2017, a cifra reduziu para 60 mil toneladas em 2021. Como consequência, a contribuição socioeconómica da indústria tende a diminuir. Enquanto em 2015 a indústria tinha um peso de 7% no total da produção da indústria transformadora e empregava 24,5 mil trabalhadores, o seu peso reduziu para 2% em 2021 e a mão-de-obra para 16,5 mil trabalhadores. Em algumas fábricas emergem contestações das comunidades circunvizinhas, com destaque para os produtores independentes da cana-de-açúcar.

Neste contexto, o presente estudo contribui para o debate em torno dos principais constrangimentos para a maximização de ganhos socioeconómicos da indústria açucareira no país em geral, e na província de Sofala em particular.

A análise sugere que o principal constrangimento estrutural decorre da manutenção de um modelo tradicional de operação na indústria, assente no aproveitamento da cana-de-açúcar apenas para a produção do açúcar. Enquanto os países mais competitivos e dominantes no sector, como o Brasil e a Índia, exploram com suporte estratégico do governo os vários subprodutos da cana, com destaque para a produção de biocombustível e geração de energia, a indústria moçambicana não explora na íntegra os subprodutos da cadeia de valor da cana. O estudo também constata que as contestações das comunidades circunvizinhas decorrem do início do

processo de ajustamento do sector para optimização dos custos de produção, por exemplo, por via da mecanização de alguns processos de produção agrícola.

Para fazer face aos desafios do sector, o estudo propõe a definição e implementação de uma estratégia para a promoção do sector do açúcar, que contemple (i) a diversificação para o aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar; (ii) a mitigação dos impactos das mudanças climáticas; e (iii) a coordenação da responsabilidade social, dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento, e dos incentivos governamentais ajustados à realidade do sector. Para minimizar os conflitos, propõe-se a constituição de um fórum que envolva os principais actores do sector, nomeadamente os produtores independentes da cana-de-açúcar, o Governo e as açucareiras, para a discussão de questões relevantes, incluindo a definição de um preço de referência da cana.

I. INTRODUÇÃO

O Banco de Moçambique (BM) realizou, em Novembro de 2022, a sua 47.ª sessão do Conselho Consultivo, na cidade da Beira. Como tem sido habitual nestes eventos, o último dia foi reservado à apresentação dos resultados de uma pesquisa sobre um tema de interesse público para a discussão com os participantes externos, que incluem representantes do Governo, de instituições financeiras, da academia, do sector empresarial, da comunicação social e do público em geral.

Para a 47.ª sessão, o Conselho de Administração do BM elegeu o tema "Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso da Província de Sofala". A selecção do mesmo decorre do princípio adoptado pelo BM em 2017, que preconiza a identificação de temas relevantes para o desenvolvimento das comunidades locais da província hospedeira do Conselho Consultivo e do país em geral.

A indústria açucareira é preponderante para Sofala e para o país, como fonte de emprego, divisas e provisão de serviços básicos para as comunidades em que está inserida. Com as privatizações e medidas proteccionistas adoptadas pelo Governo na década 2000, a produção do açúcar aumentou de uma média anual de 59 mil toneladas entre 1980-2002 para 369 mil toneladas entre 2010-2015. Paralelamente, o volume de emprego na indústria aumentou para cerca de 24.500 trabalhadores em 2015, dos quais metade em Sofala, tornando-se o segundo maior empregador do país depois do sector público. Em termos de benefícios sociais, a indústria investiu cerca de 946 milhões de meticais (entre 2011 e 2020) na saúde, educação, desenvolvimento socioeconómico e protecção ambiental.

Em reconhecimento do potencial do sector em melhorar as condições socioeconómicas das comunidades e impulsionar o desenvolvimento económico, o Governo mantém incentivos fiscais, com destaque para a isenção do IVA na cadeia de valor do açúcar e a sobretaxa sobre as importações do açúcar. Entretanto, apesar das medidas proteccionistas em vigor e da capacidade de processamento existente, a produção da cana-de-açúcar tende a diminuir, num

contexto em que nalgumas fábricas, emergem contestações das comunidades circunvizinhas, sobretudo dos produtores independentes da cana. Com efeito, de uma capacidade instalada de produção de 530.000,00 toneladas/ano, as fábricas produziram, entre 2017 e 2021, uma média de 315.418,00 toneladas/ano, equivalente a 60% da capacidade instalada. Em termos de emprego, de um total de 24.500 trabalhadores empregados nas fábricas em 2015, a cifra reduziu para 16.500 em 2021. Enquanto isso, os produtores independentes da cana-de-açúcar, que são parte dos actores e beneficiários da indústria, questionam a assimetria de informação na fixação do preço de aquisição da cana, a seu desfavor. Alguns estudos, como o de O'Laughlin e Ibraimo (2013), consideram que os efeitos multiplicadores da indústria são cada vez mais limitados.

Este estudo identifica os constrangimentos e oportunidades para a maximização de ganhos socioeconómicos na indústria açucareira. Para o efeito, examina o desempenho e a contribuição socioeconómica da indústria, e à luz das experiências internacionais bem-sucedidas efectua uma análise das forças, oportunidades, fraquezas e ameaças (FOFA).

Metodologicamente, o estudo combina a análise documental, o levantamento de campo e a análise de dados. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas aos principais intervenientes da indústria, incluindo o governo central e provincial, associações de produtores de cana-de-açúcar, fábricas de açúcar e grandes consumidores. Na província de Sofala, as entrevistas cobriram em 100% as fábricas e, parcialmente, os produtores independentes da cana-de-açúcar. Recorreu-se igualmente a estudos anteriores com enfoque para Moçambique e experiências internacionais dos países maiores produtores, incluindo alguns da SADC – para mais detalhes sobre a metodologia e instituições contactadas, *vide* anexo 1.

Os resultados mostram que os principais desafios para a maximização dos ganhos socioeconómicos estão associados à manutenção de um modelo tradicional de operação da indústria, que assenta no aproveitamento da cana apenas para a produção do açúcar, num contexto de ausência de uma estratégia integrada para responder às dinâmicas do sector. A indústria açucareira moçambicana está focalizada apenas na produção do açúcar, o que contrasta com o

modelo actual adoptado pelos países dominantes e mais competitivos no sector, que, com suporte estratégico do Governo, exploram vários subprodutos da cana-de-açúcar, com destaque para os biocombustíveis e energia. A diversificação permite a optimização da planta de produção e manutenção da competitividade por via de subsídios cruzados. Para além da problemática do foco num único produto, acresce-se a insuficiente modernização da produção da cana-de-açúcar, sobretudo dos produtores independentes, e o baixo investimento em infra-estruturas de suporte, o que também concorre para baixos níveis de produtividade, produção e competitividade.

O sector também se depara com a assimetria de informação entre as fábricas e os produtores da cana-de-açúcar na formação de preços, o que não estimula a produção. Enquanto os produtores do açúcar estão representados por uma associação nacional que zela pelos seus interesses, os produtores da cana não têm o mesmo nível de organização, o que limita a sua participação activa na discussão dos problemas do sector açucareiro, incluindo no processo de definição do preço de venda da cana. Em Sofala, por exemplo, os produtores afirmam que só têm conhecimento do preço de venda da cana no fim da campanha, ou seja, após as deduções de todos os custos inerentes ao processo de produção.

O estudo propõe a definição e implementação de uma estratégia para a promoção da indústria açucareira. A estratégia deve contemplar directrizes sobre a diversificação para o pleno aproveitamento dos subprodutos da cana (energia, combustível) e do açúcar (açúcares especiais). A mesma deve também abordar aspectos sobre infra-estruturas de suporte, incluindo para a mitigação dos impactos das mudanças climáticas, investimentos sociais, pesquisa e desenvolvimento, protecção governamental, entre outros. Propõe-se, também, a constituição de um fórum que envolva os principais actores do sector para a discussão das questões da indústria, incluindo a determinação de um preço de referência da cana.

Para além desta introdução, o estudo compreende mais seis capítulos. O capítulo II versa sobre o panorama mundial do açúcar, focando nas experiências de alguns países na produção da cana-de-açúcar, comercialização do açúcar e dinamização do sector industrial. O capítulo III aborda o panorama e o desempenho da indústria em

Moçambique, bem como os principais desafios e oportunidades, explorando-se, em seguida, o caso específico de Sofala, no capítulo IV. No capítulo V são apresentadas as principais conclusões do estudo, e no capítulo VI e VII, as propostas de medidas para maximização dos ganhos socioeconómicos na indústria açucareira e as questões para debate.

II. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo versa sobre o panorama mundial do açúcar, focando nas experiências de alguns países na produção da cana-de-açúcar, comercialização do açúcar e diversificação da indústria.

2.1. Panorama Global da Produção da Cana-de-açúcar e do Açúcar

A produção global da cana-de-açúcar tem vindo a aumentar, incluindo nos países africanos, mas mantém-se dominada por cinco países (Brasil, Índia, China, Paquistão e Tailândia). A cana-de-açúcar é cultivada em mais de 100 países, e representa uma importante fonte de criação de emprego, sobretudo nas zonas rurais (Novacana, 2022). Em 2020, a produção global ascendeu a 1.870 milhões de toneladas, e cerca de 76% da produção global esteve concentrada em cinco países, sendo o Brasil e a Índia responsáveis por mais de metade da cana-de-açúcar produzida – tabela 1. A África, representada por 39 países, contribuiu com 5,1% da produção total, com a África do Sul e Essuatíni a ocuparem as posições cimeiras ao nível do continente (FAO, 2022) – gráfico 1. Moçambique responde por 0,2% do total da produção, não obstante o seu potencial agrícola e o facto de possuir um histórico nesta cultura.

Gráfico 1: Produção da Cana-de-açúcar no Globo em Toneladas (1961-2020)

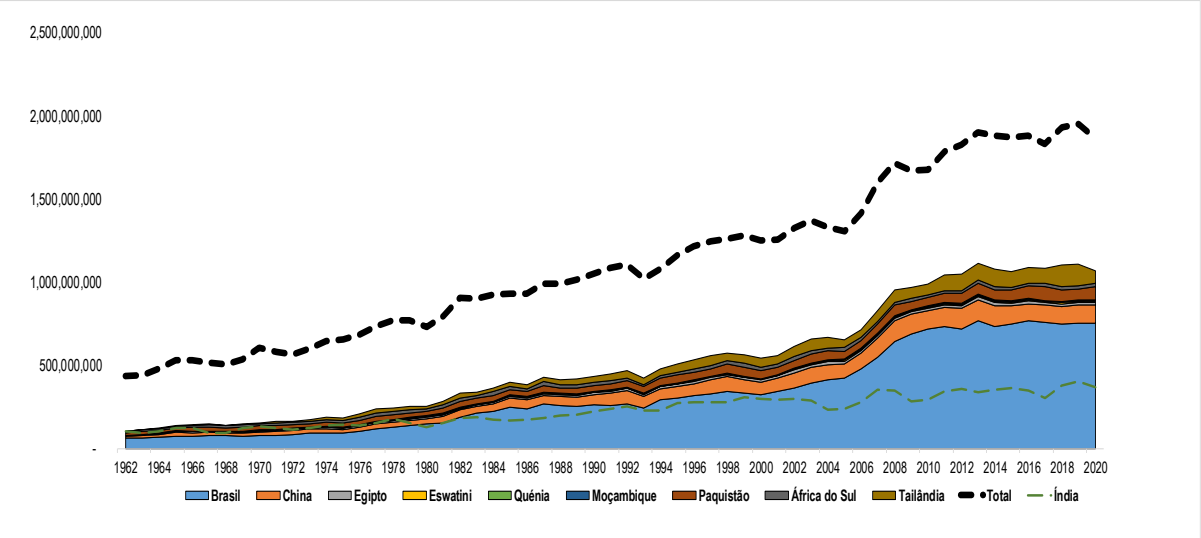


Tabela 1: Produção da Cana-de-açúcar no Mundo em 2020

País	Área cultivada (milhões de ha)	Produção (milhões de toneladas)	Peso na produção mundial (%)
Global	**26,5**	**1.870**	**-**
Brasil	10,0	757,1	40,5
Índia	4,8	370,5	19,8
China	1,4	108,7	5,8
Paquistão	1,2	81,0	4,3
Tailândia	1,8	75,0	4,0
EUA	0,4	32,7	1,8
África	**1,6**	**95,7**	**5,1**
África do Sul	0,3	18,2	1,0
Essuatíni	0,1	5,7	0,3
Moçambique	0,05	2,7	0,2
Maurícias	0,04	2,6	0,1

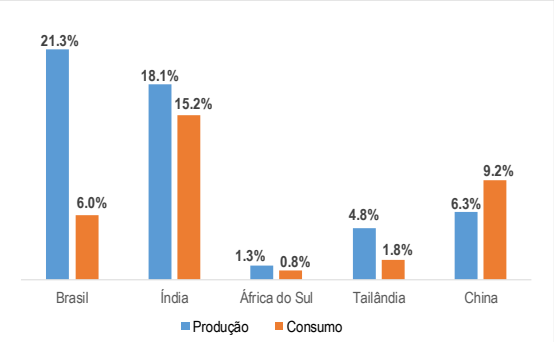
Fonte: FAO (2022)

A produção mundial do açúcar também está concentrada em cinco países, sendo o tamanho do mercado e o consumo doméstico determinante para a hegemonia dos mesmos. Cerca de 70% do açúcar produzido mundialmente é consumido no respectivo país de produção e o remanescente no mercado internacional (Simelane, 2021). Estes países têm a vantagem de um mercado interno vasto, diversificado e em crescimento, a reflectir o aumento do rendimento e da população, sobretudo na Índia e China[1], o que estimula a expansão da sua produção e de outros subprodutos da cana-de-açúcar – gráfico 2.

A nível do comércio externo destacam-se o Brasil, os EUA e a China. Quanto às exportações do açúcar produzido a partir da cana, o Brasil ocupa o primeiro lugar, seguido da Tailândia e da Índia (FAO, 2022) – gráfico 3. Por sua vez, segundo a mesma fonte, do lado das importações evidenciam-se os EUA, a China e a Indonésia.

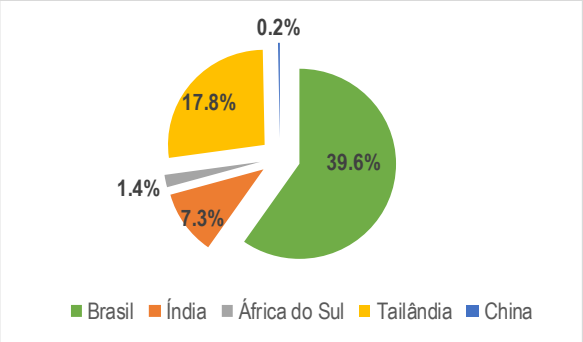
[1] A China, apesar de ser o terceiro maior produtor do açúcar, é um importador líquido deste produto, dado o desequilíbrio entre a oferta e a procura domésticas.

Gráfico 2: Maiores Produtores e Consumidores do Açúcar (% da Produção Mundial)



Fonte: OECD (2022)

Gráfico 3: Maiores Exportadores de Açúcar entre 2016 e 2021 (% da Produção Mundial)



Fonte: OECD (2022)

A indústria açucareira apresenta uma significativa contribuição socioeconómica nos vários países. Na Índia, por exemplo, a indústria tem um peso de 1,1% no PIB, emprega mais de 7 milhões de trabalhadores e capta cerca de USD 2 mil milhões em divisas – tabela 2.

Tabela 2: Alguns Indicadores Socioeconómicos da Indústria em Países Seleccionados (2020)

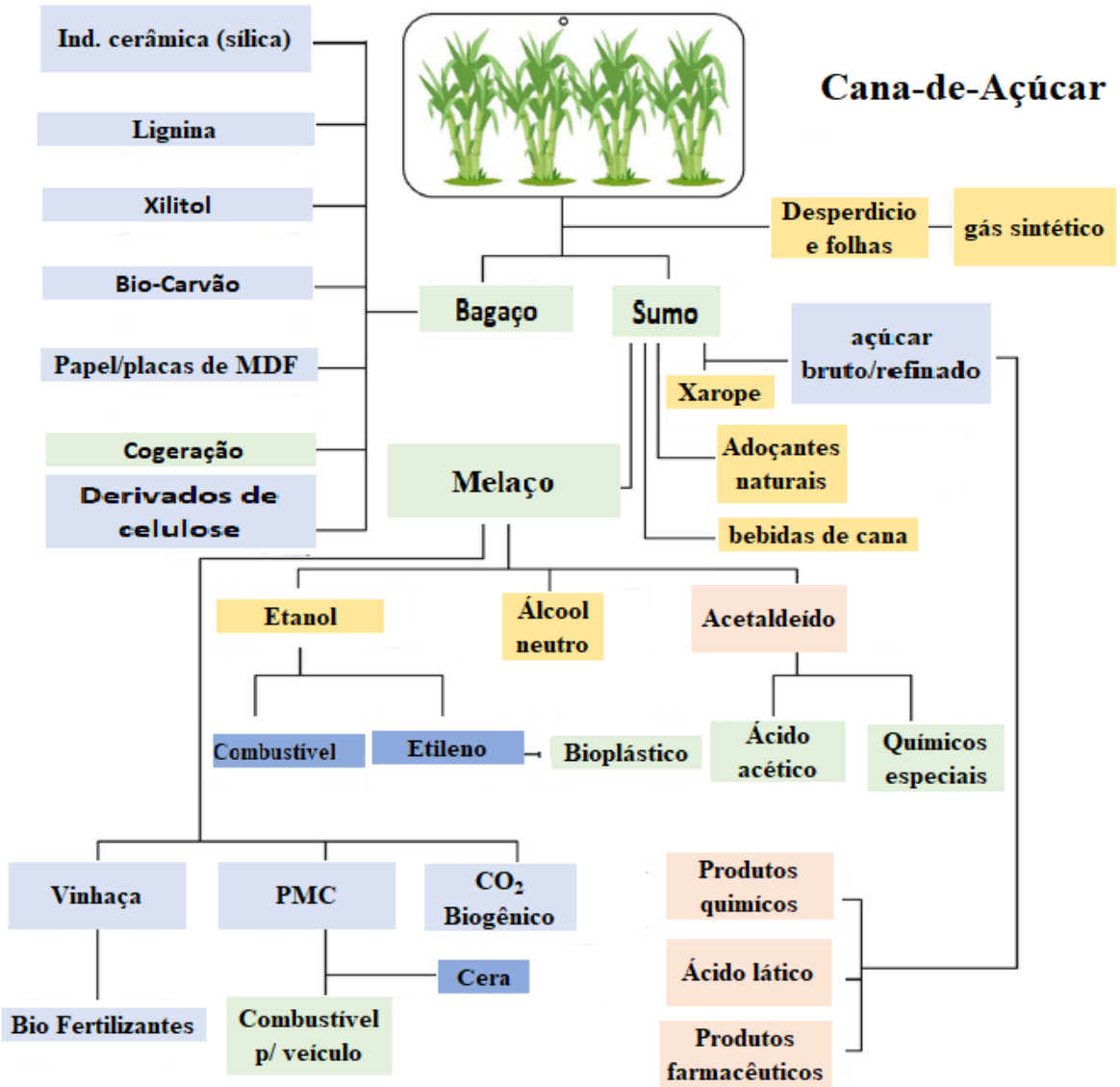
País	Emprego (directo e indirecto)	Exportações (USD milhões)	Peso do açúcar no PIB (%)
África do Sul	435.000	269,8	0,8
Brasil	773.000	8.790	2,0
Índia	> 7.000.000	1.966,0	1,1%

Fonte: CropLife (2022), Intechopen (2022), Oec world (2022), Unica (2022) e Statista (2022)

O mercado do açúcar é reconhecido como sendo o mercado agrícola com maior proteccionismo no mundo. O comércio deste produto é caracterizado por altas taxas de protecção, sobretudo, nos principais países da OCDE que são parcialmente equilibradas por concessões a alguns países em desenvolvimento, que têm acordos de acesso preferencial para pequenas quantidades (Sandrey e Vink, 2007). As medidas proteccionistas constituem um dos principais determinantes do preço do açúcar, com destaque para as sobretaxas na importação, o regime de IVA diferenciado na cadeia de valor, e os subsídios às exportações. Outros factores que influenciam o preço são os eventos naturais e as alterações de preços de outras *commodities,* tais como o petróleo e o álcool (Moura, 2007).

Apesar da produção da cana-de-açúcar estar associada à necessidade de produção do açúcar, vários subprodutos podem ser derivados do processamento da cana. Na categoria de subprodutos destacam-se o etanol, vários tipos de açúcares para o consumo directo e como insumo para a indústria alimentar e de bebidas[2], o bagaço e a palha da cana-de-açúcar para a geração de combustível e energia eléctrica (*vide* figura 1). Entretanto, nem todos os países exploram os subprodutos, pois em muitos casos, tal requer estratégias e modelos de negócio adequados para o efeito.

Figura 1: Subprodutos da Cana-de-açúcar



Fonte: Solomon & Swapna, M. (2022)

[2] Wanderly, 1981.

2.2. Principais Referências Internacionais na Produção do Açúcar

Nesta secção, destacam-se as experiências do Brasil e da Índia, que são os maiores produtores mundiais da cana-de-açúcar e também os principais exportadores do açúcar. Ao nível do continente africano, destacam-se os casos da África do Sul e das Maurícias. Apresenta-se igualmente a experiência de Essuatíni – considerado um caso de sucesso, sobretudo no que diz respeito ao modelo de comercialização e envolvimento das comunidades na produção da cana-de-açúcar.

2.2.1. Brasil

No início da década de 70, a cana-de-açúcar tornou-se uma das principais culturas no Brasil, reflexo da política económica direccionada à agro-indústria açucareira, voltada para as exportações. Em 1971, as exportações brasileiras do açúcar ascenderam a 1.2 milhões de toneladas, aproximadamente 6% do total do açúcar circulante no mercado internacional, tornando-se o principal produtor mundial e o segundo maior exportador (Rodriguês e Ross, 2020).

Para a expansão da produção e das exportações, o governo brasileiro implementou reformas estruturais. Na década de 70, as autoridades brasileiras iniciaram um conjunto de reformas para alavancar a indústria do açúcar e colocar no panorama internacional como maior produtor e exportador mundial. A tabela 3 resume as principais medidas adoptadas pelo governo brasileiro e os seus impactos.

Tabela 3: Medidas Tomadas pelo Governo Brasileiro para Alavancar o Sector Açucareiro na Década 70

Política/ Programa	Contexto/ Medidas tomadas	Impacto das medidas tomadas
Medidas de subvenção	• Modernização da agro-indústria açucareira.	• Impulsionou as exportações brasileiras, sendo responsáveis por 41% da arrecadação de divisas.
Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-açúcar (*Planalsucar*)	• Criação de centros de pesquisa nos estados produtores de cana-de-açúcar; • Atribuição de maior responsabilidade às universidades estaduais na	• Introdução do controlo biológico de pragas; • Calibração de macro e micronutriente presentes nos solos e recomendação de calagem e adubação da cana-de-açúcar;

Política/ Programa	Contexto/ Medidas tomadas	Impacto das medidas tomadas
	componente de melhoramento genético das culturas.	• Estabelecimento de parâmetros para pagamento da cana pelo teor de sacarose; • Melhoria dos rendimentos, no campo e na indústria; • Maior estímulo à produção dos derivados do açúcar e álcool etílico.
Proálcool e lançamento de instrumentos de paridade dos preços do álcool com o açúcar	• Incentivar a produção do álcool (combustível) através da expansão da produção da matéria-prima, com ênfase no aumento da produtividade agrícola, da modernização, ampliação e instalação de novas unidades produtoras; • Cerca de 1 bilião de reais foram investidos, dos quais um quarto de recursos privados e três quartos de recursos públicos, sendo o Estado responsável pelo risco de investimento; • Criação de linhas de créditos subsidiadas; • O Governo promoveu a produção e venda de veículos equipados com motores movidos a álcool, visando eliminar a dependência por combustíveis importados.	• Entre 1975/76 e 1990/91 a produção de cana cresceu de 68,5 para 222,4 milhões de toneladas (+225%), o que contribuiu para que o Brasil se tornasse o líder mundial na produção de açúcar e do etanol; • Produção de carros movidos a álcool cresceu de 3.000 para 560.000 unidades por ano; • Produção nacional de gasolina superou o consumo.

Fonte: Santos (1993); Chatenay (2013)

Em relação ao preço da cana, o processo de desregulamentação que teve o seu início na década de 90, alterou a modalidade de pagamento ao produtor. Desde 1930, com a criação do Instituto do Açúcar, o preço da cana-de-açúcar passou a ser determinado pelo Estado, tomando como base os custos médios de produção e uma margem de rendibilidade. A desregulamentação do sector em 1997, permitiu a criação do Conselho dos Produtores da cana-de-açúcar[3], responsável pela elaboração do novo sistema de pagamentos baseado na concentração total de açúcares (sacarose, glicose e frutose) contida numa tonelada de cana-de-açúcar e recuperáveis no processo industrial, denominado Açúcar Total Recuperável (Sachs, 2007).

[3] Este conselho é constituído por representantes das Organizações dos Plantadores da cana de açúcar e do álcool

O processo de desregulamentação favoreceu avanços tecnológicos e a diversificação do sector. Com o início do processo de desregulamentação, a indústria açucareira foi induzida a utilizar novas estratégias de mercado, viradas para a diversificação dos subprodutos da cana-de-açúcar (Carvalho, 2002). De acordo com a mesma fonte, as indústrias passaram a intensificar o uso de máquinas e de insumos melhorados, num contexto em que passaram a adoptar formas modernas de gestão.

2.2.2. Índia

A Índia é o segundo maior produtor mundial da cana-de-açúcar e do açúcar, depois do Brasil, beneficiada pelas condições agro-climáticas favoráveis e pela crescente procura doméstica. A Índia tem uma área cultivada de 4,8 milhões de ha com uma produção média anual de cana equivalente a 371 milhões de toneladas, o que corresponde a uma produção de açúcar de 31 milhões de toneladas (FAO, 2022). A cana-de-açúcar é produzida por privados, com grande peso de pequenos produtores que produzem em moldes de subsistência (*Indian Institute of Sugar Research,* 2014 e FAO, 2022).

De acordo com o *Indian Institute of Sugar Research (*2014), o sucesso da indústria açucareira é atribuído aos factores elencados na tabela 4:

Tabela 4: Factores Determinantes da Performance da Indústria do Açúcar na Índia

Política/ Programa	Contexto/ Medidas tomadas	Impacto das medidas tomadas
Foco na pesquisa e desenvolvimento	• Criação de institutos públicos e privados de pesquisa básica e aplicada sobre a produção e processamento da cana-de-açúcar (ex. *Indian Council of Agriculture Research*). Refira-se que estes institutos, para além de prestarem assistência técnica e formação aos produtores, são responsáveis pelo desenvolvimento e disseminação de sementes melhoradas.	• Desenvolvidas 116 variedades melhoradas de cana, das quais 60 são utilizadas comercialmente; • Produção de açúcar passou de 18,2 milhões de tons em 2000, para 33 milhões de tons em 2019. No mesmo período, a produtividade da cana subiu de 40,5 ton/ha para 71,1 ton/ha.

Política/ Programa	Contexto/ Medidas tomadas	Impacto das medidas tomadas
Regulamentação para o aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar	• Fortalecer o sector com vista a fazer face à crescente procura doméstica por açúcar, energia e electricidade, entre outras medidas como (i) a regulamentação dos preços, através da fixação do preço mínimo da cana-de-açúcar; (ii) o estabelecimento da agência indiana de desenvolvimento para massificar a produção de bioenergia; e (iii) a aprovação e implementação do programa para utilização do etanol como combustível (*Ethanol Blending Programme*).	• O preço mínimo para cana-de-açúcar é um substancial incentivo para o cultivo da cana pelos pequenos agricultores; • A meta da política nacional de alcançar 20% de mistura de combustíveis com etanol, realizado de forma progressiva (10% em 2021/22). Espera-se que esta medida contribua para a redução da importação de combustíveis.
Mecanização da produção da cana-de-açúcar	• Cultivo da cana-de-açúcar dependente do uso intensivo de capital humano (média 375horas-homem/ha); • O entendimento de que a mecanização contribui para a redução do trabalho manual, minimiza erros humanos (agricultura de precisão), aumenta a produção e reduz custos.	• Cerca de 40% da produção da cana-de-açúcar é mecanizada; • Surgimento de grupos especializados na produção de maquinas adequadas para a produção da cana-de-açúcar na Índia (ex. grupo Mahindra, Shaktiman e Eicher); • Estima-se que se estas máquinas forem utilizadas extensivamente, podem resultar numa poupança de mais de 60% de trabalho manual, juntamente com uma redução do custo de cultivo na ordem de 50-60%.
Adopção de medidas protecionistas	• A indústria do açúcar sustenta mais de 6 milhões de agricultores e cerca de 1 milhão de famílias de trabalhadores industriais, bem como gera emprego significativo em actividades conexas; • Agravamento da tarifa de importação do açúcar em 26 pontos percentuais para 40%, em 2014, como forma de proteger a indústria nacional e incentivar a exportação.	• Autossuficiência em termos de produção para o consumo doméstico e ainda geração de excedente para exportação, garantindo um *stock* suficiente para manter a oferta do açúcar a preços razoáveis no futuro. • A quota da Índia na produção global de açúcar aumentou de 5% para 15% durante as últimas cinco décadas.

Fonte: adaptado do *Indian Institute of Sugar Research* (2014) e Solomon & Swapna, M. (2022)

2.2.3. Essuatíni

A indústria do açúcar tem um papel muito relevante na economia do Essuatíni, sendo uma das principais fontes de emprego e de receitas para o país. A produção da cana-de-açúcar representa 50% do total da produção agrícola, e a indústria como um todo contribui em 10% para o PIB e com um terço do total do emprego do sector privado (*Research and Markets*, 2022). Segundo a mesma publicação, o açúcar ocupa o terceiro lugar no total das exportações do país e, em termos de produção da cana-de-açúcar, Essuatíni ocupa a quarta posição ao nível de África e a 25.ª a nível mundial. A tabela 5 aborda os aspectos de realce da indústria açucareira de Essuatíni:

Tabela 5: Aspectos Relevantes da Indústria Açucareira de Essuatíni

	Forma de organização/actuação	Impacto/observações
Produção	• Mais de metade da cana-de-açúcar é produzida pela indústria; 21% pequenos produtores e 18% produtores de larga escala, sendo o remanescente pertencentes aos médios produtores.	A indústria açucareira e o governo mantém um bom relacionamento, sobretudo no que diz respeito à garantia de disponibilidade de água para a irrigação dos campos.
	• Três fábricas processadoras, onde o governo detém 50% em duas e mais de 40% na terceira.	
Comercialização	• Está a cargo da Eswatini Sugar Association (ESA), que comercializa todo o açúcar e subprodutos; • A ESA é constituída pelos produtores da cana-de- açúcar e as fábricas.	Expansão da indústria, resultando em maior rendimento para todos os intervenientes da cadeia de valor.
	• **Preço pago aos agricultores**: tem em consideração os factores que afectam o preço do açúcar no mercado global, tendo em conta que a economia *suazi* é muito pequena e a maior parte da sua produção destina-se à exportação; • **Preços a retalho:** determinado por acordo entre os embaladores do açúcar e os vendedores a retalho.	A distribuição das receitas entre agricultores e processadores é feita por uma unidade independente.
Regulamentação e políticas para a promoção da indústria	• Lei do açúcar, que juntamente com a ESA e o Acordo da Indústria do Açúcar regulam todos os aspectos do sector (desde a plantação até à comercialização); • ESA controla o sistema de pagamentos colectivos, sobre os quais transfere as receitas das vendas líquidas aos beneficiários.	Constituição de associações e cooperativas.

Fonte: Adaptado do *Research and Markets* (2022)

2.2.4. Maurícias

A indústria açucareira das Maurícias é considerada um caso de sucesso. A indústria contribui com cerca de 1% no PIB, é responsável por 25 mil postos de trabalho (directos e indirectos) e produz 59% da energia utilizada na ilha (CABRI, 2019). De acordo com a mesma fonte, a base para este sucesso é atribuída à contínua modernização e diversificação do sector, levada a cabo pelo governo, em parceria com o sector privado, facto que permitiu que a indústria evoluísse de forma competitiva no mercado global. A tabela 6 realça os principais determinantes para a transformação da indústria açucareira mauriciana.

Tabela 6: Principais Determinantes para Transformação da Indústria nas Maurícias

Período	Catalisadores para a mudança	Impacto
Estabelecimento da indústria açucareira (1950-1975)	• Condições climáticas e solos favoráveis para a plantação da cana-de-açúcar; • Promover o desenvolvimento económico e social da população.	• Expansão da produção da cana-de-açúcar, resultando em incremento das exportações; • Investimento (público e privado): melhoria das condições de vida dos produtores e funcionários; • Melhoria da segurança alimentar; • Realização de investimento em habitação e educação.
Modernização e diversificação da indústria (1975-2005)	• Expansão, diversificação e modernização da indústria, visando garantir a sua viabilidade económica.	• Modernização da produção e das fábricas; • Produção de electricidade a partir do bagaço, resultando na melhoria da segurança energética.
Tornar a indústria mais competitiva e sustentável (2005–2018)	• Garantir novos mercados para exportação diferentes da UE.	• Produção de açúcar refinado e outros especiais (com maior valor de mercado).
	• Contribuir para a segurança energética do país (produção de energia e de etanol).	• Transformação da indústria tradicional de “açúcar” para uma indústria mais diversificada, com foco para fontes energéticas.

Fonte: CABRI (2019)

Em face da importância socioecónomica, as autoridades mauricianas demonstram comprometimento com o desenvolvimento da indústria açucareira. Desde 1985, o governo das Maurícias tem desenvolvido várias políticas e estratégias de modo a melhorar o desempenho da indústria açucareira (CABRI, 2019). De igual modo, com as medidas, as autoridades governamentais prestam suporte aos pequenos produtores (tabela 7).

Tabela 7: Medidas de Política Implementadas pelo Governo das Maurícias

Estratégia/Programa	Contextualização/Racionalidade	Medidas implementadas
Plano de Acção do Sector Açucareiro (1985-1990).	• Dificuldade de expansão das áreas de produção dada a limitação de terra arável; • Entendimento de que o aumento da produção e do rendimento por ha só poderia ser alcançado através do uso optimizado dos factores de produção e geração de energia usando bagaço.	• Criação do centro de atendimento ao agricultor. Produtores passaram a dispor de assistência técnica e utilizar variedades melhoradas de cana; • Isenção de pagamento de impostos sobre a transmissão de propriedade para a produção de energia e imposição de taxas sobre a exportação de açúcar, de forma a priorizar o mercado interno; • Negociação de um acordo de venda de energia entre as açucareiras e a empresa pública.
Plano de Acção Estratégico do Sector Açucareiro (2001-2005).	Redução dos custos de produção, por forma a concorrer com os produtores de açúcar dos países em vias de desenvolvimento e com acesso ao mercado europeu.	• Promoção do açúcar em diferentes mercados além da UE; • Centralização do processo de transformação de cana para 7 fábricas ao invés das 14 em operação; • Mecanização da produção da cana e diversificação; • Estabelecimento de um conselho consultivo para trabalhar nas reformas do sector.
Lei de Eficiência da Indústria do Açúcar (1988/2001 e 2011–2018).	Com o fim do protocolo de açúcar e consequente redução das receitas da indústria, o governo mauriciano delimitou estratégias para promover a diversificação na indústria do açúcar.	• Criação de dois fundos de fomento para promoção da produção da cana, bagaço e energia renovável; • Obrigatoriedade do uso do melaço e etanol para produção de produtos à base dos mesmos (bebidas e xaropes); • Isenção do pagamento do imposto de renda para 60% das vendas de energia realizadas pelas empresas privadas à empresa pública de energia.
Outras	Motivar os pequenos e médios produtores da cana-de-açúcar, tendo em conta que estes respondem por 40% da produção total.	• Incremento da tarifa de importação do açúcar para 80%; • Apoio aos produtores na colheita de cana (inclui a melhoria das infra-estruturas dentro das áreas de canaviais); • Concessão de um subsídio, aos pequenos produtores, para aquisição de fertilizantes.

Fonte: CABRI (2019)

2.2.5. África do Sul

A indústria açucareira sul-africana é competitiva no mercado internacional e constitui um importante catalisador para o desenvolvimento económico e social. Este sector é composto por seis indústrias e por mais de 21 mil produtores de cana-de-açúcar[4], posicionando-se entre os 15 melhores dos 120 países produtores de açúcar (SASA, 2022). Igualmente, estima-se que a indústria impacte na vida de 2% da população e contribui com cerca de 0,8% para o PIB[5].

A parceria entre os produtores de cana-de-açúcar e a indústria açucareira concorre para o bom desempenho do sector. Esta aliança resultou na criação da Associação do Açúcar da África do Sul (SASA) que é uma entidade criada para assegurar a eficiência e sustentabilidade da indústria, através da realização de investimentos em vários segmentos, bem assim o provimento de assistência técnica, e garantir a participação activa de todos os intervenientes, em várias etapas, incluindo no processo de formação de preços (SASA, 2019/2020) – *vide* o Anexo 2.

A actual legislação do governo sul-africano aposta na diversificação. Uma das mais recentes realizações foi a implementação do *South African Sugar Master Plan* que foi concebido para explorar na íntegra a cadeia de valor da cana-de-açúcar. Outrossim, segundo a mesma publicação, a indústria deveria aumentar a sua produção, de modo a fornecer 95% (o equivalente a 300 mil toneladas) das necessidades do mercado sul-africano nos dois anos seguintes (*Tongaat Hullet*, 2021).

O preço da cana-de-açúcar é acordado e implementado a nível nacional. A SASA audita as receitas das fábricas e, depois de deduzidos os custos administrativos (taxas industriais), é retirada uma parte dedicada aos produtores a nível nacional (negociada em 64,3%), o que permite estipular o Valor Recuperável (RV)[6] a ser aplicado (*International Sugar Journal*, 2022). Segundo a mesma publicação, todas as

[4] Com uma produção média anual de 2.3 milhões de toneladas.
[5] *South African Sugar Industry Directory* – 2019/2020
[6] Estimativa do montante de sacarose que pode ser extraída em açúcar e melaço.

fábricas pagam o mesmo preço pela cana, e mensalmente, é divulgado um preço estimado do RV.

2.2.6. Principais lições das experiências internacionais

As experiências internacionais mostram que a produção e a exportação global do açúcar são dominadas por países que (i) adoptam padrões de operação modernos e (ii) beneficiam de políticas protecionistas. Com o apoio dos respectivos governos, a indústria açucareira concebeu e implementou planos e estratégias, visando a diversificação e aproveitamento dos subprodutos da cana a nível doméstico. Ademais, enfatizam-se os investimentos (públicos e privados) no desenvolvimento de infra-estruturas de suporte à indústria, maior aposta na pesquisa e desenvolvimento e modernização do sistema de produção.

A tabela 8 resume parte das principais lições extraídas das experiências internacionais que foram determinantes para o sucesso da indústria açucareira em alguns países.

Tabela 8: Principais Lições das Experiências Internacionais

Descrição	Medidas	Principais resultados
Expansão da Produção	• Priorização do sector por parte do governo, através da implementação de políticas claras e direccionadas para a diversificação; • Protecção governamental do mercado doméstico e incentivos para a manutenção da competitividade; • Participação do governo, produtores de cana e fábricas, no processo de formação de preço de referência da cana-de-açúcar.	• **Brasil**: transformou-se no principal produtor e exportador a nível mundial e tornou-se referência na exploração sustentável de energia renováveis; • **África do Sul**: aprovação do plano do açúcar, que visa diversificar a indústria deste sector; • **Índia**: o governo recomenda o preço mínimo legal a ser pago aos produtores.
Comercialização	• Criação de uma entidade responsável pela comercialização. Esta entidade inclui produtores da cana-de-açúcar e as fábricas; • Aposta no mercado doméstico e exportação do excedente.	• **Essuatíni**: a comercialização está a cargo da ESA, que comercializa todo o açúcar e subprodutos; • Indústria protegida contra preços não atractivos do mercado internacional.
Responsabilidade Social	• Alocação de uma parcela do orçamento anual destinada a projectos sociais que beneficiam as comunidades rurais.	• **África do Sul e Essuatíni**: as associações destes países alocam parte dos seus orçamentos para projectos sociais.

Descrição	Medidas	Principais resultados
Competitividade	• Aposta na pesquisa e desenvolvimento; • Investimentos públicos e privados em infra-estruturas de suporte à indústria.	• **Índia, Maurícias, África do Sul**: criação de institutos de pesquisa que (i) providenciam assistência técnica em todas as etapas de produção; (ii) pesquisam e difundem sementes que apresentam maior rendimento; e (iii) modernização do sistema de produção; • **Todos os países dominantes**: construção de infra-estruturas resilientes de suporte à indústria, incluindo estradas.

Fonte: Adaptado pelos autores

III. DESEMPENHO E CONTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE

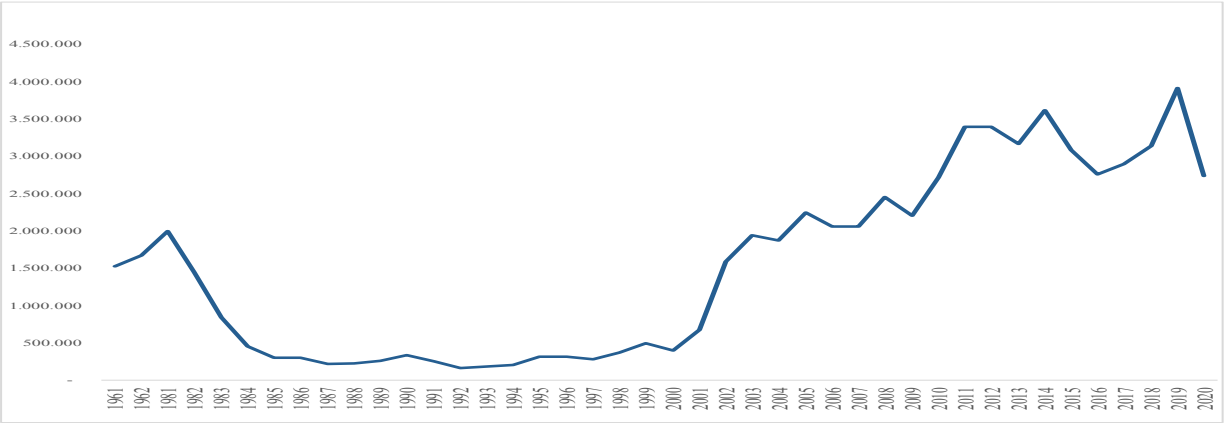
3.1. Produção da Cana-de-Açúcar

Moçambique dispõe de condições favoráveis para a produção da cana-de açúcar. Esta cultura é praticada em zonas tropicais, com solos férteis e disponibilidade de água, factores que determinaram a localização das fábricas de processamento deste produto nos vales dos rios Zambeze, Búzi e Incomáti. Adicionalmente, as infra-estruturas portuárias dão vantagem ao país no escoamento da produção nacional, não obstante a limitação do mau estado das vias rodoviárias. Destaca-se, também, o facto de o país possuir uma área terrestre total de 48 milhões de hectares (ha), 36 milhões (75%) dos quais são terras aráveis, com uma área total plantada com cana-de-açúcar de apenas 41.000 ha (0,1%) (USAID, 2015).

O cultivo e processamento da cana-de-açúcar em Moçambique iniciaram antes da independência do país. De acordo com o IGC (2014), a produção da cana-de-açúcar para o processamento industrial iniciou nos finais do século XIX, nos vales dos rios Zambeze e Búzi, onde foram instaladas quatro fábricas (Companhia de Búzi, Açucareira de Moçambique, Sena Sugar Estates de Marromeu e Sena Sugar Estates de Luabo), tendo posteriormente expandido para o Sul com a instalação de duas unidades fabris ao longo do rio Incomáti (Xinavane e Maragra). Segundo a mesma publicação, a produção atingiu o pico em 1972.

No entanto, no período pós-independência a mesma reduziu drasticamente reflectindo, de entre outros factores, a guerra civil, cenário que foi invertido após a intervenção do Governo com a privatização das fábricas e medidas proteccionistas (gráfico 4).

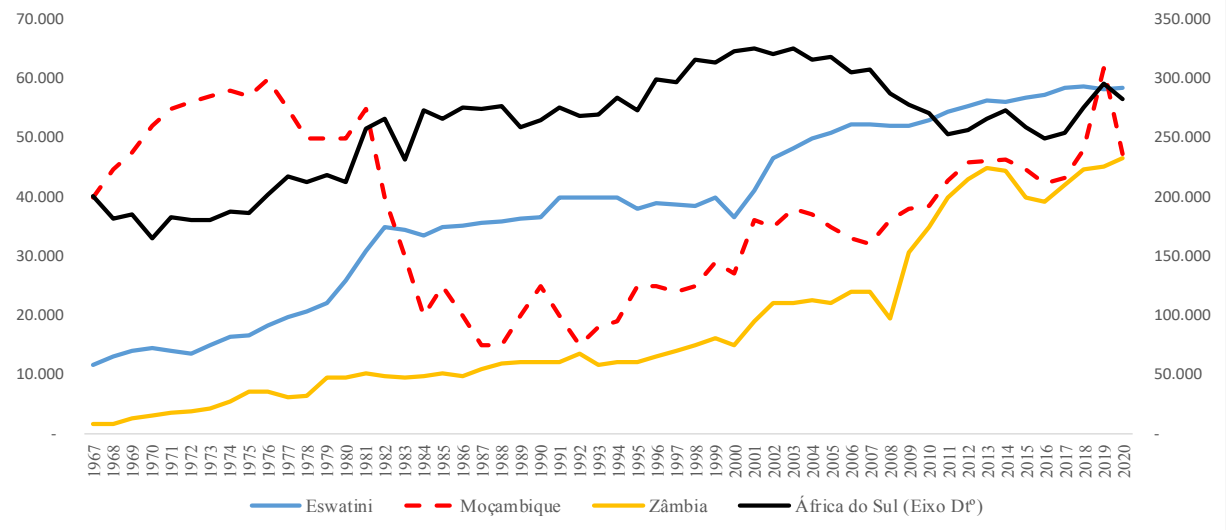
Gráfico 4: Produção da Cana-de-Açúcar no País (1961-2020) – Toneladas



Fonte: FAO (2022)

A expansão da produção da cana-de-açúcar tem sido modesta, tendo em conta o potencial agrícola do país. Apesar de dispor de terra e condições climatéricas favoráveis, a actual produção da cana-de-açúcar ainda se mantém, praticamente, nos mesmos níveis que no período colonial (gráfico 5). Após atingir um recorde na área plantada (60.000 hectares), em 1976, o país registou sucessivas reduções da área cultivada, a reflectir as nacionalizações e os impactos da guerra civil, tendo conseguido recuperar e registar o mesmo desempenho em 2019 (43 anos depois). Adicionalmente, de acordo com a Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique (APAMO) a eclosão de greves, aliada às mudanças climáticas, tem contribuído negativamente para a expansão do sector no período recente.

Gráfico 5: Evolução da Plantação da Cana-de-Açúcar em Países Seleccionados (1961-2020) – ha



Fonte: FAO (2022)

A maior proporção da cana-de-açúcar é produzida pelas açucareiras (75%), e o remanescente por produtores independentes, que não têm conhecimento do preço indicativo da venda da cana-de-açúcar no início da campanha, o que não estimula a produção. Os produtores independentes da cana-de-açúcar, alguns dos quais que beneficiam do sistema de fomento por parte das açucareiras, não têm poder de negociação do preço de venda à porta da fábrica, e não possuem domínio do mecanismo utilizado pelas fábricas para a determinação desse mesmo preço (entrevistas aos produtores e USAID, 2015). Este facto, associado à ausência do preço de referência da cana-de-açúcar e de uma organização de nível nacional dos produtores, constitui um entrave para a determinação de um preço considerado justo, e é considerado um desincentivo ao aumento da produção por parte dos agricultores independentes.

3.2. Panorama e Desempenho da Indústria Açucareira em Moçambique

Em Moçambique existem sete fábricas de produção de açúcar, agrupados em duas categorias. O primeiro grupo agrega quatro fábricas que produzem o açúcar convencional e refinado, localizadas nas províncias de Maputo e Sofala, que, em conjunto, têm uma capacidade de produção de 530 mil toneladas de açúcar bruto por ano (MIC, 2022). O segundo grupo inclui três fábricas dedicadas à produção de açúcar orgânico, destinado ao mercado externo. Estas, estão localizadas nas províncias de Maputo, Sofala e Cabo Delegado que, em conjunto, possuem uma capacidade de processamento de 29,3 mil toneladas/ano - tabela 9. Segundo o MIC[7] (2022) e a APAMO (2022), o sector do açúcar envolve, para além das próprias fábricas, (i) cerca de quatro mil produtores de cana-de-açúcar, (ii) uma entidade responsável pela comercialização do açúcar e (iii) uma associação dos produtores de açúcar (caixa 1).

[7] Ministério da Indústria e Comércio.

Tabela 9: Fábricas de Açúcar a Operar em Moçambique e Capacidade de Produção

Fábricas licenciadas	Localização (província)	Capacidade de produção (toneladas)	Produção média por campanha no período 2017/2021
Convencional e Refinado			
Maragra Açúcar, S.A.	Maputo	96.000 / ano	70.701
Tongaat Hullett - Açucareira de Mafambisse	Sofala	90.000 / ano	38.399
Companhia de Sena, S.A.	Sofala	110.000 / ano	36.382
Tongaat Hullett - Açucareira de Xinavane, S.A.	Maputo	234.000 / ano	169.935
SUB-TOTAL		**530.000 / ano**	**315.418**
Orgânico			
Pure Diets Moçambique	Maputo	10.000	nd
Eco Farm Moçambique	Sofala	30.000	10.000
Eco Energia de Moçambique	Cabo Delgado	9.300	nd
SUB-TOTAL			

Fonte: APAMO (2022), MIC (2022) e entrevistas às empresas

Em contraste com a indústria de outros países, as fábricas moçambicanas concentram-se apenas na produção do açúcar. De um vasto leque de subprodutos possíveis de extrair da cana-de-açúcar (*vide* figura 1), as fábricas que operam no país produzem em maior medida o açúcar mascavo, refinado e orgânico. Os subprodutos como o bagaço e a palha que são comumente usados para a produção de biodiesel e energia não são explorados de forma comercial, à semelhança do açúcar.

O nível de eficiência das fábricas é relativamente baixo quando comparado com a região, entretanto, o preço do açúcar doméstico é competitivo. Para medir a competitividade do açúcar nacional, foram considerados o rácio de transformação da cana por hectare, o rácio de transformação da cana para açúcar e os preços do açúcar a retalho por kg. Usando dados de 2021, a comparação destes rácios em alguns países da região mostra que em termos de eficiência, tanto no rendimento da cana por hectare, assim como na transformação da cana para açúcar, o país é menos competitivo – tabela 10.

Entretanto, em termos de preço, há uma vantagem para o produto nacional, comparativamente a quatro países da SADC, dos sete considerados na amostra – tabela 10. O preço médio do açúcar castanho comercializado em Moçambique, em

Junho de 2022, fixou-se em USD 1,24/kg, cifra que se encontra ligeiramente abaixo da média mundial de USD 1,25/kg – tabela 11.

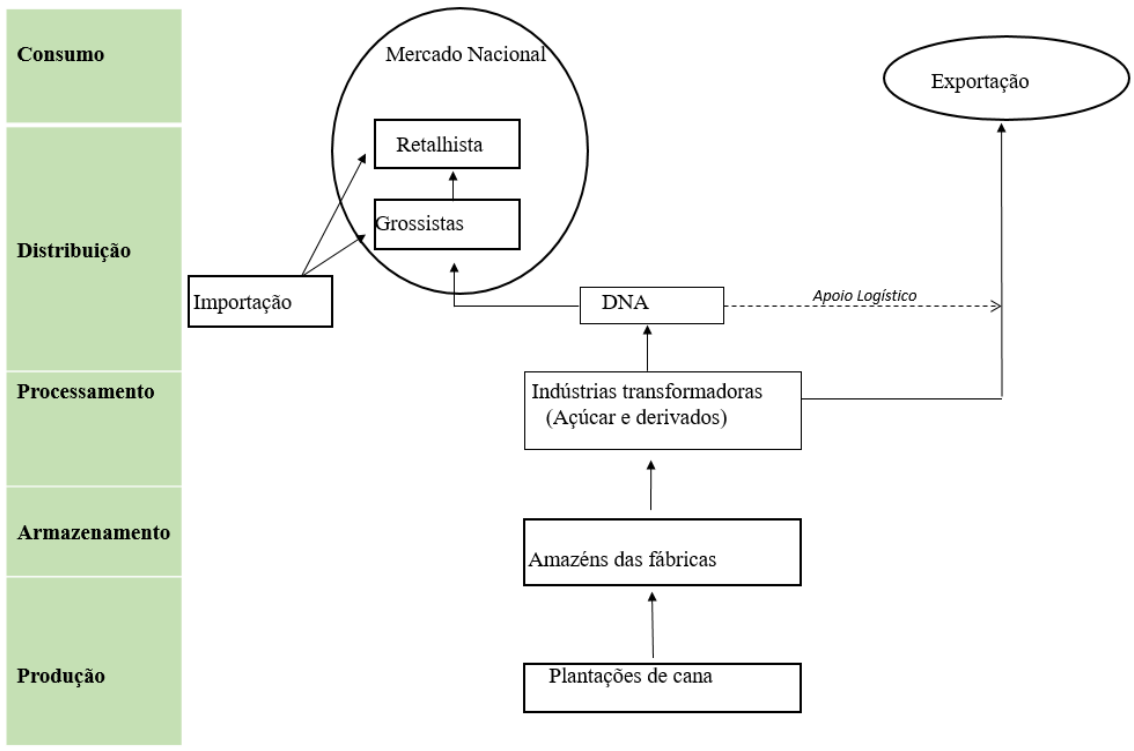
Apesar da reconhecida qualidade pelos grandes consumidores, estes consideram o custo do açúcar refinado elevado. Os grandes consumidores industriais consideram que a qualidade do açúcar nacional refinado é satisfatória e equipara-se à da região. Entretanto, o custo de aquisição junto à DNA é considerado elevado comparativamente ao mercado internacional.

De acordo com os entrevistados do ramo de bebidas, na África do Sul, os grandes consumidores chegam a pagar pela aquisição do açúcar refinado o equivalente a 32% do custo que os grandes consumidores nacionais pagam no mercado interno.

Caixa 1: Actores da Indústria do Açúcar em Moçambique

A produção do açúcar em Moçambique compreende uma cadeia de valor que exige capital intensivo, pois desde a produção da matéria-prima (cana-de-açúcar) até à obtenção do produto final (açúcar) e de outros derivados da cana-de-açúcar (melaço e bagaço), são necessários avultados recursos financeiros, tecnológicos e humanos.

Figura 2: Cadeia de Valor do Açúcar em Moçambique



Fonte: Adaptado de Nova (2018)

Nesta cadeia de valor, podem ser identificados como principais intervenientes, os produtores de cana-de-açúcar, as fábricas de açúcar, a Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique e a Distribuidora Nacional de Açúcar.

Produtores da cana-de-açúcar

Compreendem os camponeses que operam na fase inicial desta cadeia, na produção da matéria-prima principal. O cultivo da cana-de-açúcar compreende 4 mil canavieiros, com destaque para 447 agricultores privados e 60 associações de produtores privados, que em conjunto fornecem 25% da cana-de-açúcar processada pelas indústrias. De salientar que, de um modo geral, a indústria açucareira, para além de produzir a sua própria matéria-prima, faz o fomento para alguns produtores privados.

Os produtores de cana-de-açúcar estão organizados em pequenas associações ou cooperativas, que por sua vez estão associados à Federação da Agricultura, que congrega várias culturas agrícolas. Assim, estes não possuem uma associação a nível regional e nacional que defenda os seus interesses de uma forma estruturada. No caso específico dos produtores de Sofala, o mecanismo de formação dos preços da cana não é considerado transparente, pois estes apenas são comunicados do valor a receber meses após a entrega do produto às fábricas.

As Fábricas de Produção de Açúcar

O país possui sete fábricas de açúcar em funcionamento, das quais quatro produzem açúcar convencional e refinado, e três produzem açúcar orgânico. Na produção do açúcar convencional e refinado, o processamento é feito de forma independente por cada fábrica, e no final o produto é vendido à DNA que se responsabiliza pela sua colocação no mercado nacional e, posteriormente, pela canalização das receitas às fábricas. O excedente da produção é destinado à exportação, onde cada fábrica se responsabiliza por garantir o mercado, sendo que a DNA fornece o apoio logístico necessário.

Este modelo faz com que as fábricas se limitem a fornecer açúcar à DNA. Igualmente, esta metodologia contrasta com alguns países onde as fábricas se apresentam com parcial autonomia, não só no que diz respeito à fixação de preços, mas também na gestão de relações com clientes, e desenvolvimento de actividades de *marketing* e *branding*.

Relativamente ao açúcar orgânico, as empresas possuem o seu próprio circuito de produção e comercialização, não estando filiadas à APAMO nem à DNA.

APAMO – Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique

Estabelecida em 2001, por recomendação do Governo, funciona como interlocutor da indústria e garante que a mesma beneficie da "política do açúcar". Esta associação, que tem como membros a Açucareira de Moçambique, SARL, a Açucareira de Xinavane, SARL, a Companhia de Sena, SARL, e a Maragra Açúcar, SARL, é responsável por representar, apoiar e coordenar os interesses comuns dos seus associados, com o objectivo de promover a sua imagem, contribuir para o crescimento, sustentabilidade e reconhecimento da indústria. Para o efeito, desenvolve actividades de advocacia para a melhoria do ambiente de negócios do sector, *networking* e apoio técnico.

DNA – Distribuidora Nacional de Açúcar

Estabelecida em 1992, é uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, e tem como sócios a Açucareira de Moçambique, SARL, a Açucareira de Xinavane, SARL, a Companhia de Sena, SARL e Maragra Açúcar, SARL. A DNA é a entidade criada estrategicamente para garantir mercado para produção nacional a um preço uniforme em todo o país. Esta instituição é responsável pela comercialização do açúcar no mercado nacional, bem como pela coordenação logística da exportação do excedente. Para o efeito, a empresa possui três centros de distribuição no mercado doméstico e detém distribuidores em 46 cidades e 41 distritos, vinculados a um modelo de consignação.

Apesar da vantagem de preço único ao longo do país, a DNA é contestada por outros intervenientes da indústria, incluindo os produtores independentes da cana-de-açúcar, por, alegadamente, estar a influenciar o preço da cana, por via da determinação do preço de compra do açúcar às fábricas, num contexto em que se entende que esta goza de uma protecção monopolista, pois actua simultaneamente (i) como um monopsónio, quando adquire o açúcar às fábricas, e (i) como um monopolista, quando vende aos grossitas e retalhistas.

Vale ressalvar que no processo de determinação do preço do açúcar e da cana não existe uma participação activa dos outros intervenientes da cadeia de valor, contrariamente ao que se assiste noutros países.

Fonte: APAMO (2022), MIC (2022), Sampaio *et al.* (2021) e USAID (2015)

Tabela 10: Análise Comparativa da Eficiência da Indústria Açucareira – 2021[8]

País	Rácio de transformação de toneladas de cana para a produção de uma tonelada de açúcar[9]	Rendimento médio de cana/hectare (tonelada)
Essuatíni	8,3	98,0
África do Sul	8,7	65,0
Moçambique	9,7	56,2

Fonte: FAO (2022), APAMO (2022), SASA (2022) e GAIN (2020)

Tabela 11: Preço Médio de Açúcar Castanho (1kg) no Mercado a Retalho (Junho de 2022)

País	Preço Médio de 1 kg Açúcar (USD)
Essuatíni	0,51
Malawi	1,22
Moçambique	1,24
Tanzânia	1,29
Zimbabwe	1,53
África do Sul	1,64
Zâmbia	1,98
Média Mundial	**1,25**

Fonte: *Global Product Prices* (2022), *Wamucii* (2022), *New Zimbabwe* (2022), *Malawi Voice* (2022) e INE (2022)

A contribuição económica da indústria é significativa, apesar da tendência recente de declínio. Em termos médios, a contribuição do açúcar na indústria transformadora reduziu de 8,2% (2011-2015) para 3,1% (2016-2021). No mesmo período, a indústria transformadora cresceu de uma média de 3,6% para 1,6% – tabela 12. O mesmo padrão de queda observa-se também no emprego, nas receitas fiscais e no comércio externo.

Tabela 12: Peso da Indústria Açucareira no PIB (%)

Descrição	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Peso do açúcar na indústria transformadora	9,6%	10,6%	11,2%	3,1%	6,8%	3,6%	3,1%	3,6%	3,1%	2,8%	2,3%
Evolução do PIB da indústria transformadora	2,0%	0,7%	3,3%	4,6%	7,6%	3,6%	2,6%	1,8%	1,4%	-1,3%	1,5%
Peso do açúcar no PIB Geral	0,9%	0,9%	0,9%	0,2%	0,5%	0,3%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%
Evolução do PIB geral	**7,4%**	**7,3%**	**7,0%**	**7,4%**	**6,7%**	**3,8%**	**3,7%**	**3,4%**	**2,3%**	**-1,2%**	**2,3%**

Fonte: INE (2022)

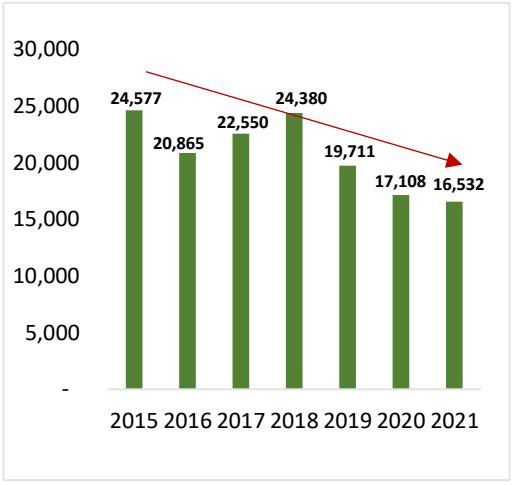
A indústria açucareira, para além dos postos de trabalho nas unidades fabris, também emprega indirectamente na cadeia de valor da cana-de-açúcar, pouco mais de 31 mil pessoas nos períodos de pico de campanha, entre produtores privados, cortadores e

[8] Os dados da África do Sul referem-se a 2019.
[9] Quanto menor a relação toneladas de cana/toneladas de açúcar, mais eficiente a fábrica é na extracção do teor de sacarose.

carregadores da cana, transportadores, e até a distribuição. Entretanto, em 2021 o número de trabalhadores afectos à unidade fabril fixou-se em 16.532, o que representa um decréscimo de 32,7%, comparativamente a 2015, ano de pico na amostra – gráfico 6. De entre as causas apontadas para este cenário, constam a ocorrência de calamidades naturais, a redução da produtividade dos campos e mais recentemente a eclosão da COVID-19, num contexto em que as fábricas estão a migrar, de forma gradual, para a mecanização do cultivo da cana.

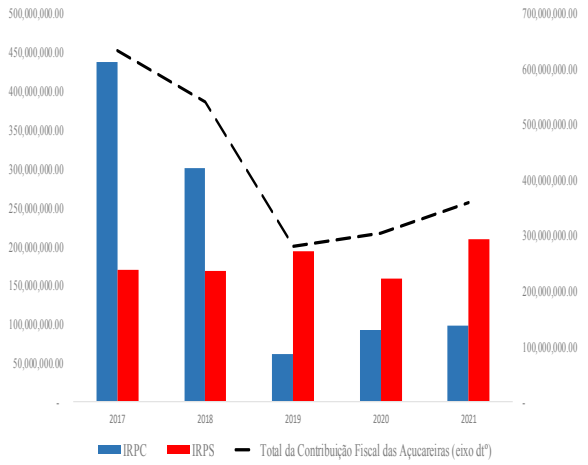
Em termos de contribuições fiscais, após alcançar o maior nível de contribuições em 2017 (634 milhões de meticais), assistiu-se a uma tendência de queda, tendo atingido o seu nível mais baixo em 2019 (MZN 281 milhões de meticais), o equivalente a uma redução de mais de 100% - gráfico 7.

Gráfico 6: Evolução de Emprego na Indústria Açucareira



Fonte: MIC (2022)

Gráfico 7: Evolução da Receita Fiscal da Indústria Açucareira

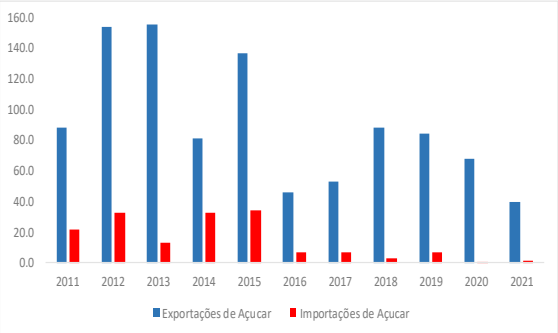


Fonte: AT (2022)

O açúcar ocupa a terceira posição no total das exportações dos produtos agro-industriais, com tendência de queda. Segundo a APAMO (2022), o sistema de quotas para os países da África, Caraíbas e Pacífico (ACP) oferecia um preço preferencial com prémios na ordem de USD 250 a USD 300, montante acima do preço do mercado mundial, facto que concorreu para a dinamização das exportações que, em 2013, atingiram o pico de USD 156 milhões (gráfico 8). Entretanto, com as reformas agrárias na União Europeia, as exportações passaram a ser realizadas a preços de mercado comuns, o que concorreu para a sua trajectória decrescente. A queda recente das exportações reflectiu, igualmente, a tendência de redução dos

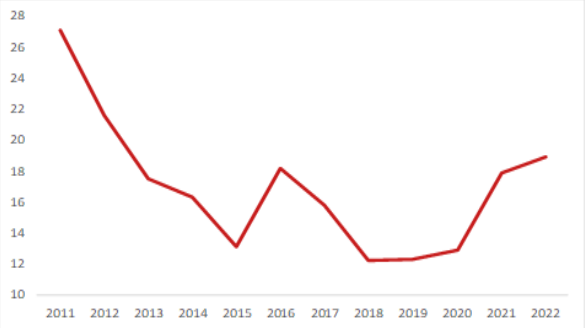
preços do açúcar no mercado mundial (gráfico 9) entre 2016 e 2018, bem como os choques climatéricos[10] que afectaram a produção da cana-de-açúcar.

Gráfico 8*:* Exportações e Importações do Açúcar (mio de USD)



Fonte: BM (2022)

Gráfico 9*:* Evolução do Preço Internacional do Açúcar (c/USD/libra peso)



Fonte: *Reuters* (2022)

A contribuição social da indústria também é preponderante, mas tende a reduzir. A indústria açucareira é um dos principais parceiros do Governo para a melhoria das infra-estruturas nas comunidades rurais onde está implantada. De acordo com a KPMG (2016), entre 2011 e 2015, o sector açucareiro investiu 600 milhões de meticais em serviços básicos que beneficiam as comunidades, com destaque para a área social (educação e saúde) – tabela 13. Mais recentemente, 2018-2020, a cifra situou-se em 346 milhões de meticais em projectos sociais, acrescidos de 484 milhões investidos no desenvolvimento de pequenos agricultores em parceria com a União Europeia. A avaliação das comunidades entrevistadas é de uma redução da responsabilidade social das unidades fabris. Apontam, por exemplo, a fraca intervenção das fábricas para (i) a melhoria das infra-estruturas sociais, (ii) minimizar a poluição do meio ambiente causada pela circulação de máquinas pesadas e decorrente da pulverização aérea dos campos de produção e (iii) acesso desigual às oportunidades de emprego.

Tabela 13: Benefícios Sociais das Comunidades para Indústria Açucareira

Investimentos realizados entre 2011 e 2015	Total (MZN)
Saúde • Construção de postos de saúde com apetrechamento em equipamento • Fornecimento de medicamentos e tratamento médico	119.888.200,00
Educação • Construção de escolas	43.222.984,00
Desenvolvimento socioeconómico • Sistemas de produção sob contrato • Transferência de tecnologia, com impacto no aumento da produtividade	256.022.895,00

[10] Ciclones Idai e Eloise, que afectaram severamente a província de Sofala.

Investimentos realizados entre 2011 e 2015	Total (MZN)
Protecção ambiental • Gestão energética e de resíduos • Protecção da terra e biodiversidade	181.622.687,00
Total	**600.756.766,00**

Fonte: KPMG (2016)

Reconhecendo a importância do sector para o desenvolvimento socioeconómico, o Governo mantém incentivos à indústria açucareira. Tendo em conta que esta é uma das indústrias com maior empregabilidade nas zonas rurais e com potencial de melhorar as condições socioeconómicas das comunidades circunvizinhas às fábricas, o Governo, no âmbito do processo de privatizações, impulsionou a revitalização da indústria e mantém medidas proteccionistas (IGC, 2014). Os incentivos concedidos visam:

- A promoção da indústria doméstica e a substituição de importações, garantindo o mercado para a produção nacional; e

- A promoção, pelas fábricas beneficiárias, de desenvolvimento infra-estrutural nas zonas onde são implantadas em benefício das comunidades.

A tabela 14 sumariza o conjunto de incentivos governamentais concedidos à indústria açucareira em Moçambique.

Tabela 14: Resumo dos Incentivos Concedidos pelo Governo à Indústria Açucareira

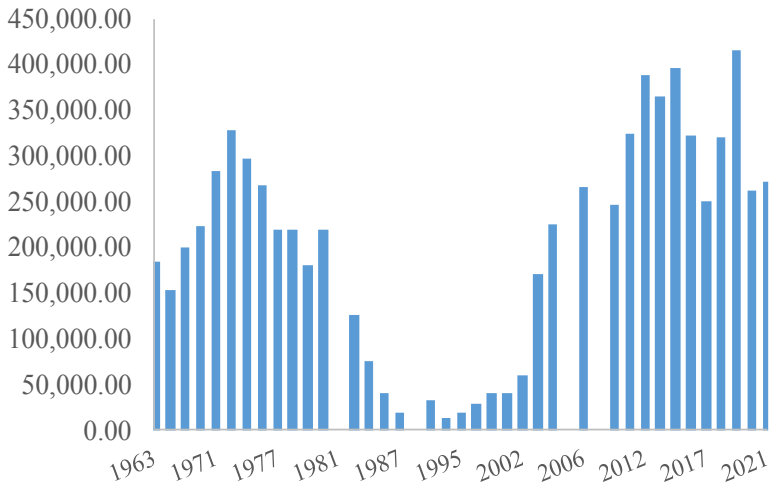
Medidas adoptadas	Impacto esperado	Ponto de situação
Estabelecimento do Sistema Tarifário de Sobretaxa flexível nas Importações – Preço de Referência do Açúcar (**Diploma Ministerial n.º 100/2015, de 19 de Novembro)**	• Garantir mercado para o açúcar nacional.	Em vigor
Isenção do IVA na cadeia de valor do açúcar (**Lei n.º 16/2020, de 23 de Dezembro**)	• Reduzir custos de transmissão de produtos necessários para a cadeia de valor do açúcar, garantindo a sustentabilidade de um sector cujo impacto socioeconómico é relevante nas suas zonas de actividade.	Em vigor
Estabelecimento do Sistema de vendas através do Distribuidor Único (**Criação da Distribuidora Nacional do Açúcar - DNA**)	• Visa garantir um acesso equitativo dos produtores domésticos ao mercado nacional e internacional; • Criação ao nível das Alfândegas, dos balcões de atendimento especial ao sector do açúcar.	Em vigor

Medidas adoptadas	Impacto esperado	Ponto de situação
Regulamento de Fortificação de Alimentos (**Decreto n.º 9/2016, de 18 de Abril)**	• Visa a fortificação do açúcar, sendo um dos produtos de eleição pelo Governo, no âmbito da sua estratégia de combate a má-nutrição que assola o país.	Em vigor

Fonte: APAMO (2022)

Entretanto, apesar das medidas proteccionistas em vigor e da capacidade de processamento existente, a produção do açúcar tem vindo a decrescer nos últimos anos. Após um período de recuperação da produção, consentânea com as intervenções feitas pelo Governo, nos últimos três anos, a produção do açúcar reduziu em 35% (APAMO, 2022). Segundo o MIC (2022) e a APAMO (2022) esta queda reflecte o impacto dos choques climáticos (estiagem e cheias/ciclones), num contexto de eclosão da COVID-19 - gráfico 10.

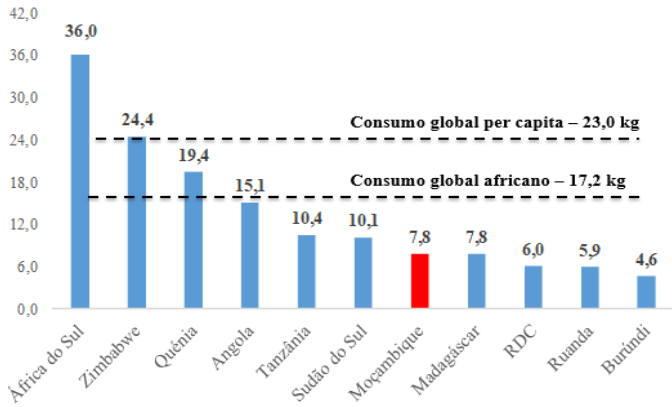
Gráfico 10: Produção do Açúcar em Moçambique (1961 e 2021) - Toneladas



Fonte: APAMO (2022)

Para além do impacto dos choques climáticos, o baixo consumo *per capita* do açúcar também constitui um constrangimento para o aumento da capacidade efectiva. Dados da *Tongaat Hullet* (2021) revelam que o actual consumo *per capita* de açúcar em Moçambique situa-se em 7,8 kg/ano, contra 36 kg/ano na vizinha África do

Gráfico 11: Consumo *per capita* em Países Seleccionados (kg)



Fonte: Tongaat Hullet (2021)

Sul e uma média mundial de 23,0 kg/ano, sugerindo que o país tem espaço para expandir o seu consumo (gráfico 11). O baixo consumo está associado ao baixo rendimento *per capita* e a existência de um baixo número de indústrias que utilizam este produto como matéria-prima, sendo que actualmente destaca-se apenas a indústria de bebidas. Entretanto, com a implantação de projectos estruturantes ligados ao sector energético, os industriais perspectivam uma continuação da tendência de aumento do consumo doméstico – tabela 15.

Tabela 15: Evolução do Consumo do Açúcar (Toneladas)

Descrição	2017	2018	2019	2020	2021
Produção Anual	336.551	348.760	314.339	306.545	270.896
Consumo Doméstico	163.702	152.942	177.131	184.796	202.200
Exportações	108.090	185.237	244.215	77.600	80.820

Fonte: APAMO (2022)

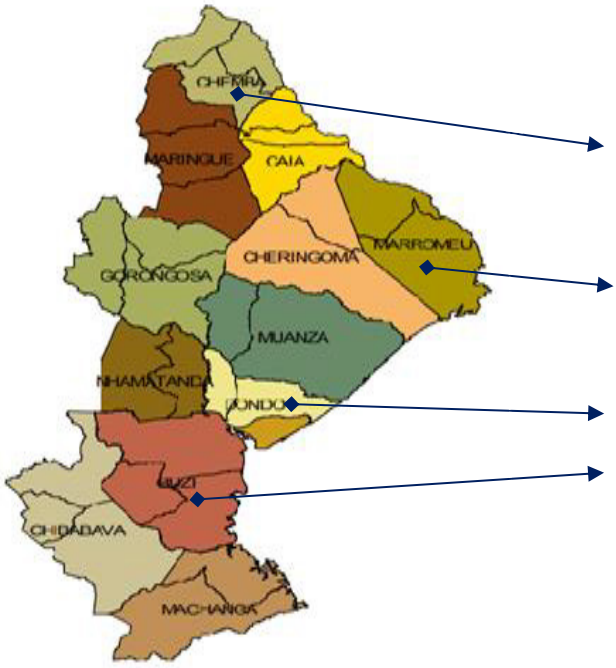
IV. DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA: O CASO DA PROVÍNCIA DE SOFALA

Os capítulos anteriores descreveram o panorama da indústria açucareira no mundo e em Moçambique. Este capítulo examina os principais constrangimentos em Sofala, em particular, e em Moçambique, em geral, à luz daquele panorama e das entrevistas semi-estruturadas levadas a cabo (*vide* anexo 1 sobre as instituições e pessoas contactadas).

4.1. Breve Caracterização da Indústria Açucareira em Sofala

A província de Sofala apresenta condições agro-ecológicas e localização geográfica privilegiadas para a produção do açúcar. A província possui solos férteis e disponibilidade de água, factores fundamentais para a prática da agricultura, que influenciaram a localização das actuais quatro fábricas (50%[11] do total de fábricas existentes no país) – figura 3. Acresce-se como vantagem, as infra-estruturas ferro-portuárias existentes na província para o escoamento da produção.

Figura 3: Mapa da Província de Sofala e Capacidade das Açucareiras



Fábrica	Capacidade instalada(toneladas)	Capacidade actual (toneladas)
Ecofarm Moçambique, Lda.	30.000	10.000
Companhia de Sena	110.000	21.000
Açucareira de Mafambisse	90.000	25.000
Companhia de Búzi	Encerrada	

Fonte: MIC (2022); Direcção Provincial de Agricultura de Sofala (2020); entrevistas às fábricas

[11] Inclui a Açucareira de Búzi que actualmente não esta a operar.

Em contraste com as fábricas instaladas no Sul do país, em Sofala, o sistema de produção de cana-de-açúcar é dominado pelas fábricas. Com efeito, das quatro fábricas implantadas, apenas a fábrica de Mafambisse compra uma parcela da matéria-prima junto dos produtores privados e associações, que em conjunto contribuem em cerca de 12% do total da cana processada por esta unidade fabril, facto que contrasta com a província de Maputo, onde os produtores independentes têm uma contribuição mais significativa.

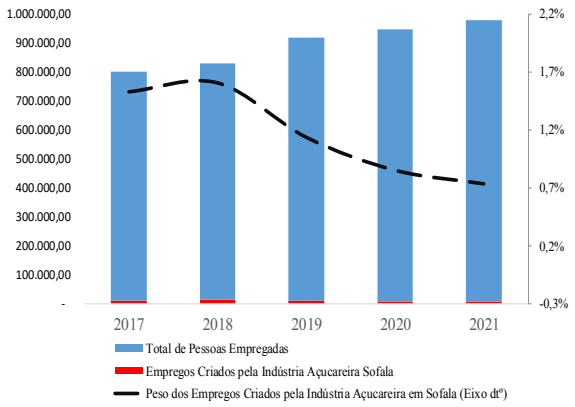
Tal como na região Sul, a indústria localizada em Sofala tem uma contribuição significativa para a economia local, não obstante a tendência de declínio. Por exemplo, em 2021, a indústria açucareira em Sofala empregou directamente cerca de 7 mil pessoas, das quais 60% correspondentes a trabalhadores permanentes e 40% sazonais. Comparativamente a 2017, esta cifra corresponde a uma redução de 55% (gráficos 12 e 13). A mesma tendência de queda da contribuição da indústria observa-se na balança comercial, num contexto em que as receitas fiscais mantêm-se, praticamente, nos mesmos níveis (gráficos 14 e 15). As fábricas de Sofala contribuíram com pouco mais de 1/3 no total das receitas fiscais da indústria nos últimos cinco anos, cifra semelhante comparativamente à média dos últimos 10 anos (31%). As exportações líquidas também reduziram de USD 10,4 milhões em 2019 para 8 milhões em 2021. Como resultado deste desempenho económico, a contribuição social das açucareiras tem estado a reduzir e assiste-se à eclosão de problemas sociais nas comunidades circunvizinhas (ex. criminalidade e roubos de cana nas áreas de produção da fábrica e dos produtores independentes).

Para minimizar o problema de emprego e dotar a comunidade de renda, parte das fábricas começaram a cultivar e a incentivar o cultivo do arroz nos campos de produção afectados pela intrusão salina. Assim, parte dos trabalhadores que haviam sido despedidos formaram associações que se beneficiaram de algumas áreas (em média 25 hectares) dedicadas ao cultivo de arroz, para posterior venda à açucareira.

4.2. Principais Desafios na Indústria Açucareira

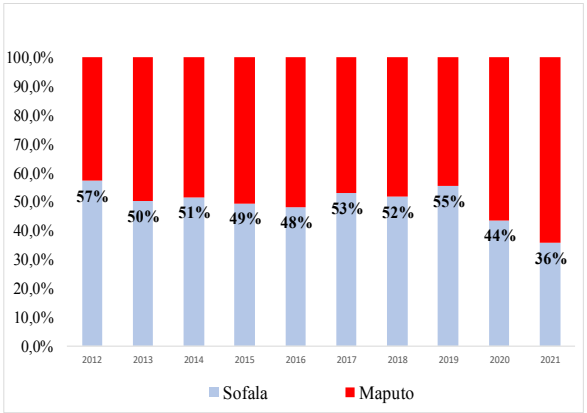
Tal como nas restantes fábricas do país, as localizadas em Sofala também operam abaixo da sua capacidade e adoptam um modelo tradicional de operação assente no aproveitamento da cana-de-açúcar apenas para a produção do açúcar. Efectivamente, de uma capacidade instalada de produção de açúcar de 530 mil toneladas no país, a indústria explora 60%, e em Sofala menos de ¼ da capacidade é utilizada – *vide* tabela 9 e figura 3. A não maximização da planta de produção também reflecte o foco apenas na produção do açúcar e o subaproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar. Este modelo contrasta com a forma actual de operação da indústria nos países mais competitivos, onde vários subprodutos da cana são explorados de forma comercial, com suporte estratégico do governo, com destaque para a produção do biocombustível e energia eléctrica. Como consequência do modelo tradicional, não há lugar a subsídios cruzados, o que reduz a competitividade da indústria.

Gráfico 12*:* Emprego Total em Sofala *vs* Emprego da Indústria Açucareira em Sofala (2017-2021)



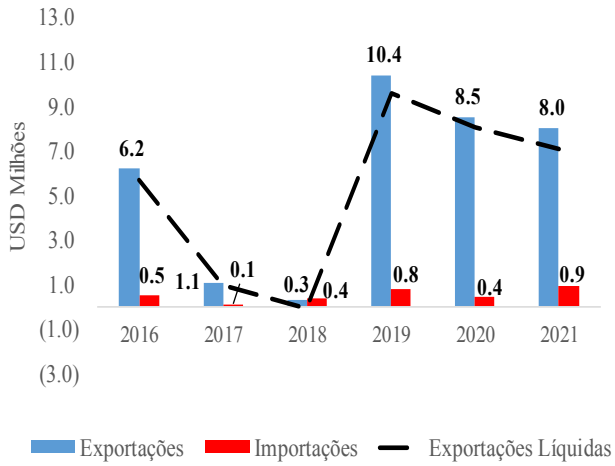
Fonte: MIC e INE (2022)

Gráfico 13*:* Peso do Emprego em Sofala no Total da Indústria Açucareira (%)



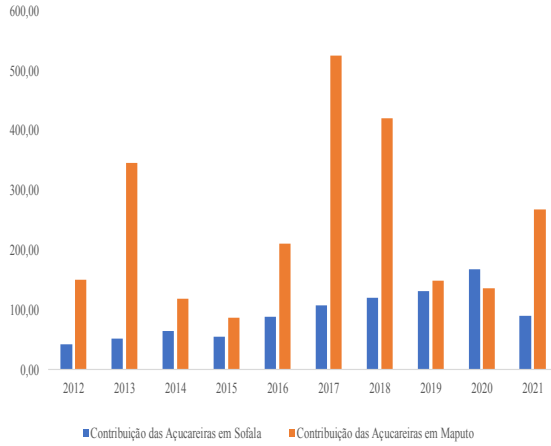
Fonte: APAMO (2022)

Gráfico 14: Evolução da Exportações e Importações do Açúcar em Sofala



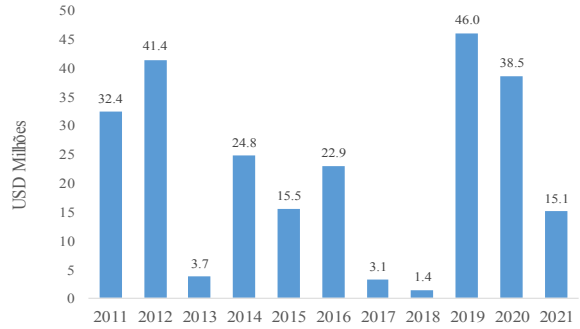
Fonte: AT (2022)

Gráfico 15: Evolução das Receitas Fiscais da Indústria Açucareira em Sofala no Total da Indústria



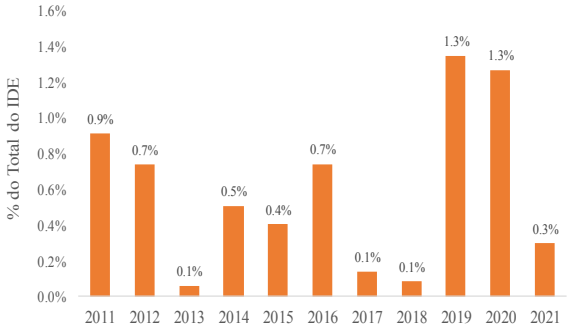
Fonte: INE (2022)

Gráfico 16*:* Evolução do IDE na Indústria Açucareira de Sofala



Fonte: BM (2022)

Gráfico 17*:* Peso do IDE no sector de Açúcar sobre o IDE Total

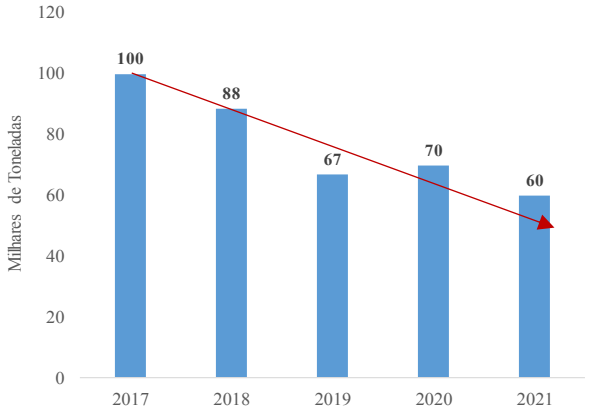


Fonte: BM (2022)

As mudanças climáticas, a insuficiente modernização do processo de produção da cana-de-açúcar e o fraco investimento em infra-estruturas de suporte, contribuem para a queda da produção e produtividade da cana e consequente subaproveitamento das fábricas e queda da competitividade. Segundo as entrevistas realizadas, a dificuldade em escoar a produção (sobretudo em Marromeu e Chemba), associada ao mau estado das estradas e disponibilidade limitada de vagões, ocorrência cíclica de calamidades naturais e intrusão salina (particularmente em Mafambisse, que está a dar origem à migração para outras culturas, com realce para o arroz), são apontados como os principais factores que determinam o subaproveitamento da capacidade existente. E apesar dos investimentos realizados na aquisição de pivôs para irrigação e utilização de drones para pulverização, a agricultura de precisão não está a ser praticada em toda a extensão dos campos

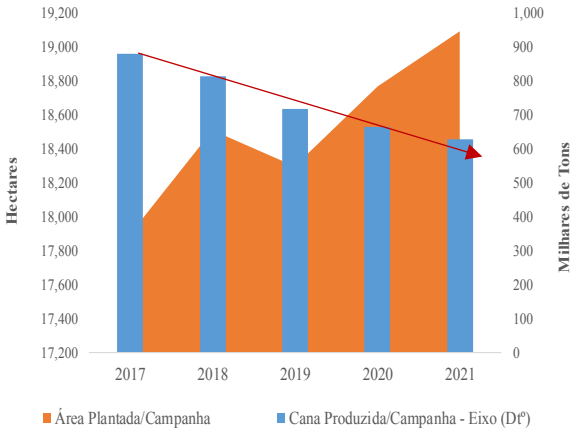
agrícolas. O MIC (2022) e a DNA (2022) também referem-se à eclosão da pandemia de COVID-19 e a saturação dos solos[12] como determinantes da baixa produção[13]. Assim, depois de uma produção de cerca de 100 mil toneladas de açúcar em 2017, o nível baixou para 60 mil toneladas em 2021, num contexto em que a área plantada aumentou com a implantação de uma fábrica de produção de açúcar orgânico (gráficos 18 e 19).

Gráfico 18*:* Produção de Açúcar por Campanha em Sofala[14]



Fonte: APAMO (2022)

Gráfico 19*:* Área Plantada e Produção de Cana em Sofala



Fonte: APAMO (2022)

Para além do fraco aproveitamento dos subprodutos da cana e limitadas infra-estruturas de suporte, o sector confronta-se com assimetrias de informação entre as fábricas e os produtores de cana-de-açúcar na formação do preço de venda da cana. Como referido, a DNA é responsável pela comercialização do açúcar no mercado nacional, e determina o preço único de venda deste produto no país.

Os produtores da cana referem-se ainda à (i) não tempestividade do pagamento; (ii) ao não domínio dos determinantes do preço que lhes é pago após a dedução dos custos de transporte e insumos; e (iii) à não informação, antes do início da campanha, de um preço indicativo da cana. Esta assimetria não favorece a planificação atempada e influencia negativamente a qualidade da cana produzida. Em algumas fábricas do Sul do país, a assimetria de informação na formação de preço e sobre o papel social

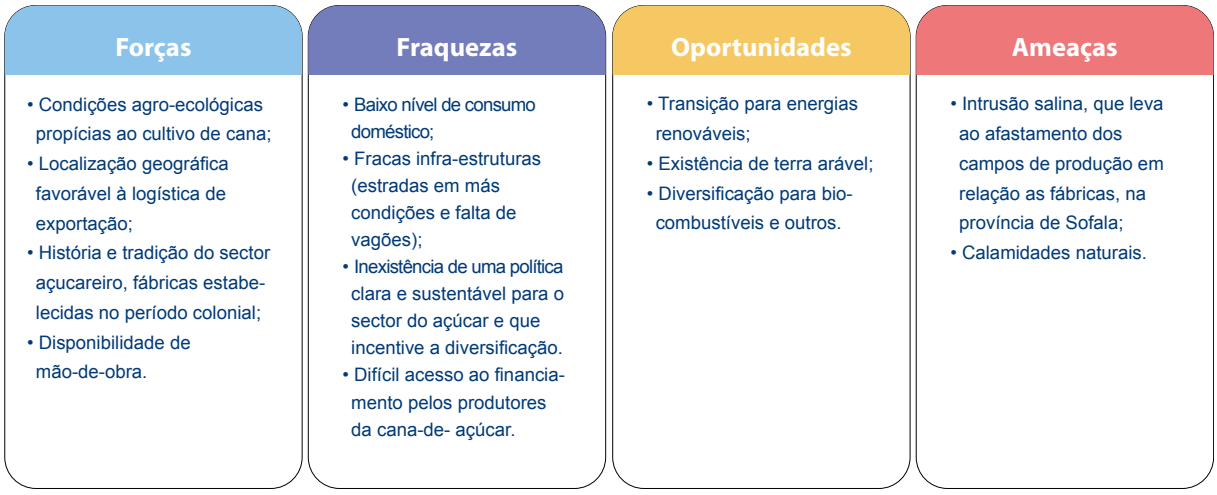
[12] Refira-se que, para fazer face à intrusão salina e à saturação dos solos, umas das açucareiras decidiu expandir as suas áreas de produção para campos distantes, o que contribui para o aumento dos custos de produção.
[13] Para os produtores independentes da cana, os elevados custos de acesso ao crédito também são um constrangimento à produção.
[14] Referem-se à produção das fábricas tradicionais

das fábricas estão a gerar contestações por parte dos produtores e das comunidades circunvizinhas. Refira-se que as contestações também podem ser explicadas pelo início do processo de ajustamento gradual da indústria para a optimização dos custos de produção e melhoria da competitividade, por exemplo, através da mecanização, que está a originar a redução da mão-de-obra no sector.

4.3. Principais Oportunidades na Indústria Açucareira

A indústria açucareira tem um enorme potencial para a expansão, sobretudo no contexto da transição para energias renováveis. Com as mudanças climáticas e a necessidade de transição para energias renováveis, a indústria açucareira constitui uma alternativa que muitos países têm estado a adoptar, dada a multiplicidade de subprodutos amigos do ambiente que se podem produzir a partir da cana-de-açúcar. A figura 4 resume as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças na indústria açucareira moçambicana.

Figura 4: **Análise das Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças na Indústria Açucareira**



V. PROPOSTAS DE MEDIDAS PARA MAXIMIZAÇÃO DOS GANHOS NA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM MOÇAMBIQUE

Para fazer face aos principais desafios estruturais do sector, o estudo identifica a necessidade de definição e implementação de uma estratégia para a promoção do sector do açúcar – *vide* o resumo na tabela 16**.** A estratégia deve conter directrizes sobre:

(i) **O aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar endogeneizada na estratégia de desenvolvimento do país.** A ausência de uma estratégia clara que oriente o desenvolvimento do agronegócio em torno da cadeia de valor do açúcar em função das prioridades estratégicas do Governo, limita o aproveitamento da cana à produção do açúcar. Por exemplo, países como a Índia e o Brasil, que fazem uso da cana para a produção comercial de biocombustível e energia, implementaram um ecossistema regulatório e de mercado favorável para o uso seguro e eficaz da gasolina misturada com etanol. Conceberam, igualmente, roteiros para a implementação faseada dos programas, com metas objectivas em cada fase e com o envolvimento de todos os actores relevantes para o efeito.

(ii) **Medidas para mitigação dos impactos das mudanças climáticas**. Considerando que o país tem sido afectado ciclicamente por eventos climáticos extremos, que afectam sobremaneira a agricultura e o agronegócio, a estratégia deve definir e delimitar responsabilidades na implantação de medidas para a prevenção e mitigação dos seus impactos (por exemplo: sistemas de retenção e aproveitamento de água para fazer face às cheias, ciclones e/ou secas).

(iii) **Investimentos em pesquisa e desenvolvimento**. A experiência dos países bem-sucedidos revela a importância da constante pesquisa para a identificação de variedades de cana mais adequadas à realidade de cada país, de medidas para o controlo e combate às pragas, mas também dos investimentos necessários em tecnologias de produção, entre outros. É

neste contexto que a estratégia para a promoção do sector deve, também, abarcar estes elementos para a melhoria da produtividade, rentabilidade e sustentabilidade. No caso de Moçambique, já existe uma instituição similar – o Instituto de Investigação Agrária de Moçambique (IIAM), contudo não abarca a cana-de-açúcar, sendo esta coberta pelas açucareiras. A inclusão desta cultura nas pesquisas do IIAM pode permitir ganhos para um leque maior de produtores de cana-de-açúcar, sobretudo na condução e aplicação de técnicas adequadas, provisão de treinamento e assistência técnica ao produtor, tendo em conta as diferentes zonas climáticas e desenvolvimento de pesquisas para diversificação e criação de valor acrescentado aos subprodutos da cana.

(iv) **Responsabilidade social e medidas de protecção governamental**. A estratégia deve igualmente delimitar o âmbito da responsabilidade social da indústria açucareira e os incentivos ou medidas de protecção.

Para a minimização de conflitos e incentivo a produção propõe-se a constituição de um fórum que envolva os principais actores do sector para discussão de questões relevantes, incluindo a definição do preço de referência da cana. O fórum permitiria, igualmente, a protecção dos interesses de todas as partes, incluindo dos produtores de cana, e maior transparência no processo de definição do preço da cana-de-açúcar e do açúcar. Noutros países com um sistema de comercialização centralizado, existe uma entidade que congrega os produtores da cana, as indústrias e o governo, onde se discute todos os aspectos relevantes do sector, incluindo os preços.

Tabela 16: Propostas de Acções para a Dinamização da Indústria Açucareira

Desafio	Caracterização	Proposta de acção	Responsável
Operação da indústria no modelo tradicional, assente na produção do açúcar e sem o aproveitamento de outros subprodutos	• O açúcar está coberto pela Política Industrial, que deixa de fora aspectos específicos e relevantes do sector; • Actualmente, não estão a ser explorados todos os subprodutos da cana-de-açúcar; • Insuficiente modernização da produção da cana-de-açúcar;	• Definição e implementação de uma política do açúcar que promova o aproveitamento dos subprodutos da cana, mitigação dos impactos das mudanças climáticas, pesquisa e desenvolvimento, bem como responsabilidade social; • Avaliação do grau de proteccionismo e dos incentivos	MADER, MIREME, MIC, DNA, produtores e parceiros de cooperação e outros actores relevantes.

Desafio	Caracterização	Proposta de acção	Responsável
da cana-de-açúcar	• Investimento insuficiente em pesquisa e desenvolvimento (ex. de variedades com maior rendimento); e • Insuficiente investimento em infra-estruturas de suporte.	concedidos à indústria comparativamente aos países da região, visando maximizar o potencial existente.	
Assimetria de informação	• O sistema de comercialização é realizado pela DNA que é detida pelas açucareiras tradicionais e não é inclusivo; • O produtor só tem conhecimento do preço a ser pago pela cana-de-açúcar após o final da campanha, posicionando-se como tomador de preços; • Os produtores não têm domínio dos determinantes do preço da cana-de-açúcar; • O pagamento aos fornecedores da cana não é tempestivo, o que compromete o processo de planificação por parte dos produtores independentes; e • Tendência de queda da produção da cana-de-açúcar.	• Constituição de um fórum que envolva os principais actores do sector para discussão de questões estruturais e conjunturais, incluindo a definição do preço de referência da cana.	MADER, MIC, DNA, associações de produtores independentes e APAMO.

Fonte: Elaborado pelos autores

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria açucareira constitui uma fonte de rendimento para muitas comunidades rurais em que está inserida, chegando a empregar 31 mil pessoas no pico da campanha de produção. Entretanto, apesar dos incentivos governamentais de que beneficia, a indústria não explora a máxima capacidade instalada de produção do açúcar, e a produção da cana-de-açúcar tende a reduzir e, em algumas fábricas, emergem contestações das comunidades circunvizinhas. Como consequência, os ganhos socioeconómicos do sector estão em declínio.

A partir de entrevistas semi-estruturadas, revisão de literatura e de experiências internacionais, conclui-se que o principal desafio da indústria decorre da manutenção de um modelo tradicional de operação na indústria, assente no aproveitamento da cana-de-açúcar apenas para a produção do açúcar. Enquanto os países mais competitivos e dominantes no sector, como o Brasil e a Índia, exploram com suporte estratégico do governo os vários subprodutos da cana, com destaque para a produção de biocombustível e geração de energia, a indústria moçambicana não explora os subprodutos da cadeia de valor da cana. Entretanto, as contestações das comunidades circunvizinhas decorrem do início do processo de ajustamento do sector para optimização dos custos de produção, por exemplo, por via da mecanização de alguns processos de produção.

O estudo propõe a definição e implementação de uma estratégia para a promoção do sector do açúcar, que contemple (i) a diversificação para aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar e do próprio açúcar; (ii) a mitigação dos impactos das mudanças climáticas; e (iii) a coordenação da responsabilidade social, investimento em pesquisa e desenvolvimento, bem como dos incentivos governamentais ajustados à realidade do sector. Para minimizar os conflitos, o estudo sugere a constituição de um fórum que envolva os principais actores do sector açucareiro, nomeadamente, os produtores independentes da cana-de-açúcar, o Governo e as açucareiras, com vista à discussão de questões relevantes, incluindo a definição do preço de referência da cana.

VII. QUESTÕES PARA DEBATE

- Pode a indústria do açúcar continuar a subsistir no modelo actual de operação?

- Qual deve ser o papel do Governo e das empresas na promoção do sector açucareiro em Moçambique?

- Qual deverá ser o modelo de fixação de preço da cana-de-açúcar apropriado para Moçambique?

BIBLIOGRAFIA

APAMO. (2022). *Dinâmicas da Indústria Açucareira em Moçambique.* Maputo.

CABRI. (2019). *The Role of governments in developing agriculture value chains.* Centurion, South Africa: African Development Bank.

Camelini, J., & Castillo, R. (2012). *Etanol e Uso Corporativo do Território (ethanol and corporative use of territory).* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

Chatenay, P. (2013). *Government Support and the Brazilian Sugar Industry.*

CROPLIFE. (2022). *Croplifebrasil*. Obtido de CROPLIFE: https://croplifebrasil.org/

Direcção Provincial de Agricultura de Sofala. (2020). *Guia Prático de Agicultura de Conservação Promoção Económica de Camponeses - Sofala* . Viena: Cooperação Austríaca.

Distribuidora Nacional de Açúcar. (2022). *Informação sobre Açúcar.* Maputo.

FAO. (2022). *FAOSTAT*. Obtido em 22 de Jun de 2022, de FAO: https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL/visualize

Gangwar, L., Solomon, S., Singh , P., Hasan, S., & Sah , K. (2014). *Socio-economic Impact of Sugarcane Production and Diversification in India.* India : Indian Institute of Sugarcane Research.

Global Product Prices. (2022). *South Africa Sugar price*. Obtido em 1 de Agosto de 2022, de Global Product Prices: https://www.globalproductprices.com/South-Africa/sugar_prices/

Intechopen. (2022). *Intechopen*. Obtido de Intechopen: https://www.intechopen.com/

Joaquim, J., Mosca, J., & Sampaio, A. (2021). *(Des)Continuidades da Indústria Açucareira em Moçambique e os seus Efeitos na Integração dos Pequenos Produtores Agrícolas.* Lisboa: SOCIUS.

KPMG. (2016). *Relatório da Contribuição Positiva da Indústria do Açúcar em Moçambique.* Maputo.

Malawi Voice. (2022). *Illovo Hikes Sugar Prices on Market*. Obtido em 1 de Agosto de 2022, de https://www.malawivoice.com/2022/05/30/illovo-hikes-sugar-prices-on-market/

MIC. (2022). *Informação sobre Açúcar.* Maputo.

Moura, T. (2007). *Uma Análise do Mercado Internacional de Açúcar Bruto com Ênfase no Programa Americano para o Setor .* Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

New Zimbabwe. (2022). *Sugar prices go up with immediate effect*. Obtido em 1 de Agosto de 2022, de https://www.newzimbabwe.com/sugar-prices-go-up-with-immediate-effect/

Novacana. (2022). *A produção de cana-de-açucar no Brasil (e no mundo)*. Obtido em 1 de Julho de 2022, de https://www.novacana.com/cana/producao-cana-de-acucar-brasil-e-mundo

O'Laughlin, B., & Ibraimo, Y. (Aug de 2022). *A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude.* Maputo.

Oec world. (2022). *Oec world*. Obtido de Oec world: https://oec.world/

P., C. (2013). *Government Support and the Brazilian Sugar Industry.*

Research and Markets. (2022). *The Sugar Industry in Eswatini 2022*. Obtido em 1 de Agosto de 2022, de https://www.researchandmarkets.com/reports/5552834/the-sugar-industry-in-eswatini-2022

Rodrigues, G., & Ross , J. (2020). *A trajetória da cana-de-açúcar no Brasil: perspectivas geográfica, histórica e ambiental.* Uberlândia: EDUFU.

Sachs, I. (2007). *Da civilização do petróleo a uma nova civilização verde.* São Paulo: ESTUDOS AVANÇADOS.

Sandrey, R., & Vink, N. (2007). *Future prospects for African sugar: sweet or sour?* South Africa: Tralac.

Santos, M. H. (1993). *Política e políticas de uma energia: o caso do proálcool.* Rio de Janeiro: Notrya.

SASA. (2021). *South African Sugar Industry Directory 2019/2020.* KwaZulu-Natal - South Africa: SASRI.

SASA. (2022). *Market Competitiveness*. Obtido em 12 de August de 2022, de https://sasa.org.za/market-competitiveness/

Selina Wamucii. (2022). *Selina Wamucii*. Obtido em 01 de August de 2022, de https://www.selinawamucii.com/

Simelane, X. (2021). *Analysing the competitive performance of the Eswatini sugar industry.* South Africa.

Solomon, S. (2011). The Indian Sugar Industry: An Overview. *Sugar Tech*, p. 11.

Solomon, S., & Swapna, M. (2022). *Indian Sugar Industry: Towards Self-reliance for Sustainability.* Sugar Research & Promotion.

Statista. (2022). *Statista*. Obtido de Statista: https://www.statista.com/

Sutton, J. (2014). *Mapa Empresarial de Mo;ambique.* London: International Growth Center.

Tongaat Hulett. (2021). *Integrated Annual Report.* South Africa: Tongaat Hulett.

Unica. (2022). *Unica*. Obtido de Unica: https://unica.com.br/

USAID. (2015). *Açúcar em Moçambique: Equilibrar Competitividade com Proteccionismo.* Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional .

Entidades Contactadas/Entrevistadas

Tongaat Hullet – Açucareira de Xinavane. Entrevista virtual realizada no dia 22 de Abril de 2022.

Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique (APAMO). Entrevista realizada no dia 28 de Abril de 2022, em Maputo.

Distribuidora Nacional de Açúcar (DNA). Entrevista realizada no dia 28 de Abril de 2022, em Maputo.

Ministério da Indústria e Comércio. Entrevista realizada no dia 27 de Maio de 2022 em Maputo.

Serviço Provincial de Actividades Económicas de Sofala. Entrevista realizada no dia 30 de Maio de 2022, na cidade da Beira.

Direcção Provincial da Indústria e Comércio de Sofala. Entrevista realizada no dia 30 de Maio de 2022, na cidade da Beira.

Tongaat Hullet – Açúcareira de Mafambisse. Entrevista realizada no dia 31 de Maio de 2022, em Mafambisse.

EcoFarm Moçambique. Entrevista virtual realizada no dia 1 de Junho de 2022.

Associação Muda Macequesse. Entrevista realizada no dia 1 de Junho de 2022, em Lamego.

Companhia de Sena. Entrevista virtual realizada no dia 2 de Junho de 2022.

Autoridade Tributária de Moçambique (AT) – Delegação Provincial de Sofala. Entrevista realizada no dia 2 de Junho de 2022, na cidade da Beira.

Associação de Produtores de Cana de Nhansato (ACNA). Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2022, na cidade da Beira.

Sociedade Agropecuária Comercial e Industrial de Nhamatanda (SPCIN). Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2022, em Nhamatanda.

Direcção Provincial da Agricultura e Pescas de Sofala. Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2022, na cidade da Beira.

United Nations Industrial Development Organization (UNIDO). Entrevista realizada no dia 8 de Junho de 2022, em Maputo

Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (MADER). Entrevista realizada no dia 17 de Junho de 2022, em Maputo.

Autoridade Tributária de Moçambique (AT). Entrevista realizada no dia 17 de Junho de 2022 em Maputo.

Autoridade Reguladora da Concorrência (ARC). Entrevista realizada no dia 21 de Junho de 2022, em Maputo.

Associação dos Produtores de Cana-de-Açúcar da África do Sul. Entrevista virtual realizada no dia 21 de Julho de 2022.

Açucareira da Maragra. Entrevista realizada no dia 25 de Julho de 2022, na Manhiça

CDM - Cervejeira de Marracuene. Entrevista realizada no dia 4 de Agosto de 2022, em Marracuene.

Serviços Distritais de Actividades Económicas da Manhiça. Entrevista realizada no dia 22 de Agosto de 2022, na Manhiça.

Produtores independentes da cana-de-açúcar de Xinavane. Entrevista realizada no dia 22 de Agosto de 2022, em Xinavane.

Posto Administrativo de Mafambisse. Entrevista realizada no dia 29 de Agosto de 2022, em Mafambisse.

Tongaat Hullet – Açúcareira de Mafambisse. Entrevista realizada no dia 29 de Agosto de 2022, em Mafambisse.

Associação Mulheres Chiverano. Entrevista realizada no dia 29 de Agosto de 2022, em Mafambisse

Associação dos produtores vale do Púngue. Entrevista realizada no dia 29 de Agosto de 2022, em Mafambisse.

AJUCASI. Entrevista realizada no dia 29 de Agosto de 2022, em Mafambisse.

Administração do Distrito de Dondo. Encontro de cortesia com o Exma. Sra. Administradora do Distrito de Dondo realizada em 30 de Agosto, em Dondo.

Associação Nzero Mbawiri. Entrevista realizada no dia 30 de Agosto de 2022 em Mafambisse

Associação Mulher para o desenvolvimento. Entrevista realizada no dia 30 de Agosto de 2022, em Mafambisse.

Associação Mulher do Futuro. Entrevista realizada no dia 30 de Agosto de 2022, em Mafambisse

Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique (APAMO). Entrevista virtual realizada no dia 9 de Setembro de 2022.

Companhia de Sena. Entrevista virtual realizada no dia 22 de Setembro de 2022.

Distribuidora Nacional de Açúcar (DNA). Entrevista realizada no dia 27 de Setembro de 2022 em Maputo.

Legislação Consultada

Governo da República de Moçambique (2013). Lei da Concorrência em Moçambique (Lei n.º 10/2013). Maputo.

Autoridade Reguladora da Concorrência (2014). Regulamento da Lei da Concorrência. Maputo.

Ministério de Indústria e Comércio (2016). Política e Estratégia industrial 2016-2025. Maputo.

Autoridade Tributária de Moçambique (2018). Sobretaxa a Vigorar na Importação do Açúcar (Ordem de Serviço n.º 04/DGA411.1/2018). Maputo.

ANEXO 1: Metodologia e Instituições Contactadas

O estudo combina a análise documental, o levantamento de campo e análise de dados. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas aos principais intervenientes da indústria, incluindo autoridades governamentais a nível central e provincial, associações de produtores de cana-de-açúcar, fábricas de açúcar e grandes consumidores. Na província de Sofala, as entrevistas cobriram em 100% as fábricas e, parcialmente, os produtores independentes da cana-de-açúcar. Recorreu-se, igualmente, a estudos anteriores com enfoque para Moçambique e experiências internacionais dos países maiores produtores, incluindo alguns da SADC. Esta informação permitiu a análise dos pontos fortes, oportunidades, fraquezas e ameaças (FOFA) à indústria.

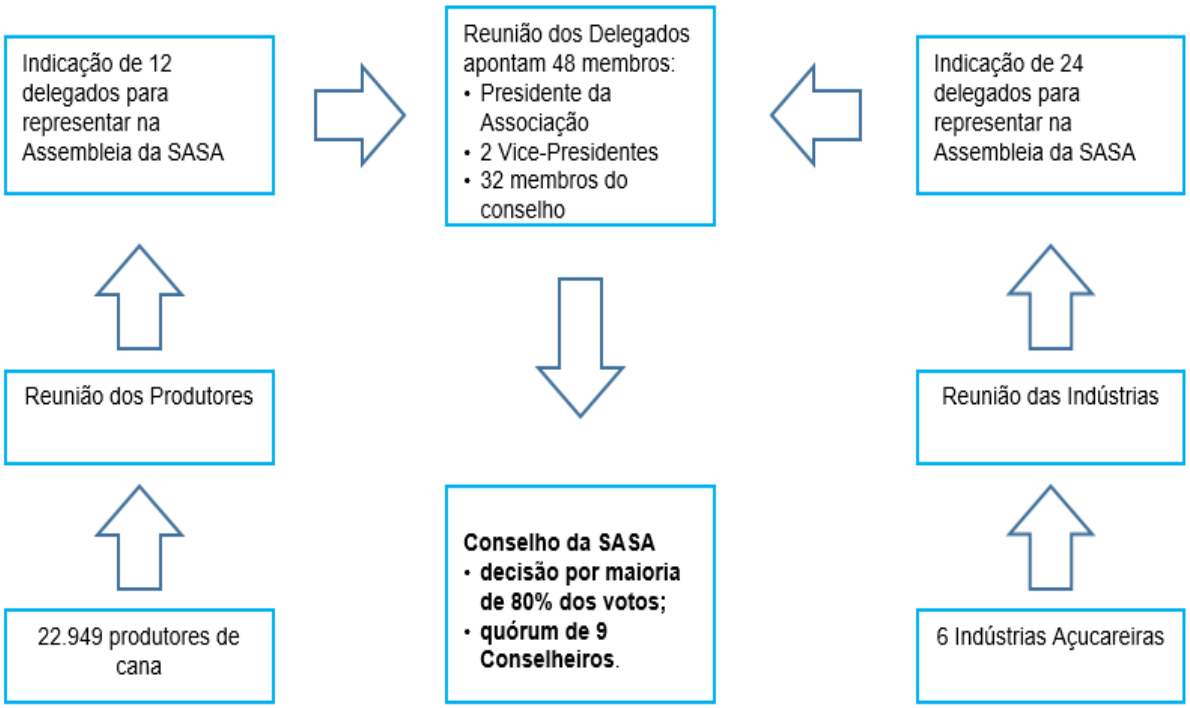
O estudo de campo foi realizado nos meses de Maio e Julho de 2022. Foram conduzidas entrevistas semi-estruturadas às instituições abaixo listadas, com ênfase na produção e comercialização do açúcar nas províncias de Maputo e Sofala. O estudo de campo contemplou, ainda, entrevistas a associações e produtores de cana e de arroz – localizados no distrito de Nhamatanda e na localidade de Mutua (no posto administrativo de Mafambisse), – por se constituírem actores relevantes. A tabela 17 apresenta, de forma detalhada, as instituições contactadas ao longo da realização do presente trabalho.

Tabela 17: Instituições Contactadas

a) Instituições	b) Associações
• Associação dos Produtores de Açúcar de Moçambique; • Autoridade Tributária de Moçambique; • Autoridade Reguladora da Concorrência (ARC) • CDM - Cervejeira de Marracuene • Delegação da Autoridade Tributária de Moçambique - Sofala; • Delegação Provincial da Agricultura de Sofala; • Direcção Nacional da Indústria e Comércio; • Direcção Nacional de Promoção de Agricultura Comercial • Direcção Provincial da Indústria e Comércio de Sofala;	• Associação Muda-Macequesse: • Associação de Produtores de Cana de Nhansato; • Associação de Produtores de Cana da África do Sul – encontro virtual; • AJUCASI • Associação Campos Verdes de Mafambisse; • Associação Mbiri Ndzero; • Associação Mulheres no Futuro; • Associação Mulheres na Luta Contra a Pobreza; • Associação Mulher para o Desenvolvimento; • Associação Vale do Rio Púnguè; • Associação Chiverano;

a) Instituições	b) Associações
• Direcção Provincial da Agricultura e Pescas de Sofala • Distribuidora Nacional de Açúcar; • Governo do Distrito do Dondo; • IESE- Instituto de Estudos Sociais e Económicos; • Posto Administrativo de Mafambisse; • Serviços Provinciais das Actividades; Económicas de Sofala; • Serviços Distritais de Actividades Económicas da Manhiça; • United Nations Industrial Development Organization (UNIDO).	• Associação Jovens Unidos para o Combate ao SIDA; • Produtores Individuais de Xivavane, de Mafambisse e de Lamego; • Sociedade Agropecuária de Nhamatanda.
c) Fábricas Visitadas/Contactadas	
• Açucareira da Maragra, SA; • Açucareira de Mafambisse; • Açucareira de Xinavane – encontro virtual; • Companhia de Sena; EcoFarm Moçambique, Lda. – encontro virtual.	

ANEXO 2: Organograma da Associação do Açúcar da África do Sul



Fonte: Adaptado da SASA (2021)

ANEXO 3: Síntese das Intervenções da Audiência na Apresentação Pública do Estudo

RODRIGUES SEBASTIÃO, REPRESENTANTE DA INTER BEIRA

- "Em relação ao preço, o problema prende-se com a fiscalização da DNA, ou seja, os bancos têm o Banco de Moçambique para fiscalizar as suas actividades, mas quem fiscaliza a DNA? Os produtores recebem cerca de 65% do valor que a Toongaat recebe da DNA pela venda do açúcar. Então, existe alguma entidade que regula a DNA?"
- "Em relação a questão de como é que o Governo e o BM podem ajudar os produtores, o Sr. Amorim (no vídeo) já falou e bem: os bancos só emprestam dinheiro a quem tem dinheiro e nesse sentido há determinados activos que nós temos (bens móveis, terra) que não são considerados pelos bancos como garantias. Sei que a Lei de Terras está a ser revista, mas enquanto esta Lei não sofre alteração e os nossos DUAT e propriedades não servem como colateral para os bancos, nós ficamos de certa forma limitados na capacidade de alavancagem junto destas entidades. Se o meu campo tem uma esperança média de vida de oito anos e uma colheita média de 48 toneladas/ha, na última campanha, e sabemos que durante mais 7 a 8 anos iremos colher aproximadamente o mesmo, porquê não usarmos a produção como garantia? Sabendo que essa produção será comprada por uma empresa séria como a Toongaat que está em vários países (Zimbabwe, África do Sul, Moçambique) e é um dos principais *players*. Então, por que não existe um sistema ou uma fórmula de a Toongaat intervir no processo de financiamento junto dos bancos?"
- "Há diversos apoios e projectos que estão a decorrer a nível nacional para a promoção agrícola, tais como o SUSTENTA e o Vale do Zambeze. Quando olhamos para o SUSTENTA, vemos que há foco nos pequenos produtores, mas por que não dar uma oportunidade aos médios e grandes produtores?"

- “O Vale do Zambeze disponibilizou uma linha de crédito e de assistência técnica aos produtores de hortícolas na província de Sofala, contudo os produtores de cana não foram elegíveis. Porquê é que a cana ficou de fora, sabendo que a província tem, pelo menos, três açucareiras? Porquê o Vale do Zambeze não pode apoiar a produção da cana-de-açúcar? Vão dizer que já apoiaram em Chemba, mas é apenas uma num milhão. Há outros projectos que também poderiam ser apoiados e não estão a ser.”

AURÉLIO CHIZIANE,
REPRESENTANTE DA COCA-COLA

- “Ouvimos aqui a questão da definição do preço, com os produtores a reclamarem o preço da cana? Qual é o incentivo que eles têm e como podem sentir? Parece-me que os incentivos que o Governo coloca à indústria açucareira estão posicionados no meio. Os produtores da cana queixam-se, tal como os consumidores se queixam. Apelo para o bom senso do lado do Governo, quando define as políticas de incentivo à indústria do açúcar, para olhar também do lado da indústria que consome o açúcar como matéria-prima. Os nossos produtos têm uma elevada carga fiscal comparativamente a outros que têm açúcar na sua composição.”

- “Os produtores de açúcar têm grandes incentivos, não pagam o IVA, há uma sobretaxa e um preço de referência que é de cerca de USD 932/ton, quase duas vezes mais em relação ao preço aplicado no mercado internacional. Ao se definir esse preço de referência por Lei, obviamente que se cria um “cavalo-de-batalha”, os consumidores de açúcar dificilmente podem negociar um preço razoável que seja consentâneo às condições de produção. Obviamente fica difícil transferir esse custo para o consumidor final. Adicionalmente, em 2018 o Governo introduziu o imposto sobre o consumo que só abrange os refrigerantes”.

- “Se a Coca-Cola reformular os seus produtos para reduzir o açúcar, o volume de venda do açúcar vai reduzir. Portanto, o Governo tem de ser justo na definição de políticas; não deve proteger uma indústria e matar outra”.

EMERSON DE OLIVEIRA,
REPRESENTANTE DA ECOFARM

- “A EcoFarm produz açúcar orgânico para o mercado internacional. A eclosão da COVID-19 levou a empresa a comercializar o açúcar orgânico no mercado doméstico. Entretanto, o Governo exige adição de vitamina A no açúcar comercializado a nível interno. Tendo em conta a especificidade do açúcar orgânico, julgamos que esta exigência não deveria abranger as empresas produtoras deste tipo de açúcar. Igualmente, sugere-se que o Governo desenhe e implemente uma regulamentação especifica para o açúcar orgânico, por forma a facilitar a comercialização a nível nacional”.

- “A empresa tem enfrentado constrangimentos no escoamento da sua produção devido a problemas de infra-estruturas. Neste contexto, a EcoFarm solicita intervenção de S. Exa o Governador da Província de Sofala para tornar célere a resolução destes desafios”.

ANTÓNIO AMORIM,
REPRESENTANTE DA SOCIEDADE AGROPECUÁRIA COMERCIAL E INDUSTRIAL DE NHAMATANDA

- Frisou a necessidade de apoio aos agricultores.

PAULO BENE,
REPRESENTANTE DO CENTRO DE PESQUISA E CONSULTORIA

- “Dado que a pesquisa se centrou nos subprodutos do açúcar, gostaríamos de saber dos representantes da Açucareira de Búzi, qual foi a contribuição do etanol nos custos totais de produção, no período em que esta fábrica esteve operacional.

Até que ponto este subproduto contribuiu no desenvolvimento da actividade açucareira?"

- "Qual é a viabilidade do negócio se o produtor não sabe, atempadamente, quanto vai obter pela venda do seu produto? Torna-se necessário definir o preço de referência da cana para os investidores melhor decidirem sobre a viabilidade do negócio. Tal como acontece com o fomento nas áreas de produção de cereais, algodão, entre outras. É preciso definir o custo da cana para que o investidor tenha informação que o ajude a tomar a melhor decisão de investir ou não investir neste negócio."

- "Apesar da reabilitação da Linha de Sena, a Açucareira de Marromeu continua a privilegiar o escoamento dos produtos por via rodoviária (camiões), num contexto em que as vias de acesso continuam precárias. Tendo em consideração o estado da via terrestre e o elevado custo de transporte, a questão que se coloca é por que esta fábrica continua a usar camiões em detrimento da linha-férrea?"

ALEXANDRE MUNGUAMBE, REPRESENTANTE DO SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DO AÇÚCAR (SINTIA)

- "Creio que o Governo concede incentivos à indústria açucareira, e esta, por sua vez presta apoio socioeconómico às comunidades circunvizinhas, com destaque para programas de saúde, educação e protecção ambiental. Entretanto, quando as empresas deixam de prestar assistência, as populações reagem, conforme diz o estudo."

- "No nosso entender, a indústria do açúcar não pode desenvolver sem diversificar a sua produção. Deve, sim, fazer o aproveitamento dos subprodutos da cana-de-açúcar. A aprovação do Programa de Medidas de Aceleração Económica (PAE) constitui uma oportunidade para estimular a diversificação, pois este programa prevê a introdução da obrigatoriedade da mistura de combustíveis importados com

biocombustíveis. Pode-se aproveitar esta janela para melhorar o aproveitamento do melaço, construindo destilarias para a produção do etanol."

- "Em relação à queixa dos produtores da cana-de-açúcar, o relatório diz qua há mais de 4 mil canavieiros. Somos de opinião que os canavieiros deveriam organizar-se numa associação nacional que teria a responsabilidade de articular/negociar com a APAMO e o Governo para definir o modelo de fixação do preço de referência para a venda do açúcar nas empresas processadoras. Assim, poderíamos sair desta situação em que nos encontramos agora, em que os produtores não conhecem o preço da cana-de-açúcar. Não é possível o Governo e a APAMO negociarem com mais de 4 mil pessoas. Estas pessoas deviam melhor se organizar para fazer a negociação."

- "Moçambique tem bons solos para a produção da cana-de-açúcar e devíamos investir no aumento do rendimento médio por hectare. Com um rendimento de 56 toneladas/ha não vamos longe, pois o açúcar faz-se no campo e não na fábrica, que apenas processa. É necessário aumentar a produção por hectare nas nossas machambas e isso passa necessariamente por investimento na investigação e no apoio ao sector privado."

- "Para o Governo, eu penso que devia sim melhorar as vias de acesso que incluem os serviços eficientes dos caminhos-de-ferro para escoar os produtos que estão na fábrica, sendo que por vezes a empresa Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique não dispõe de vagões e máquinas para movimentar a produção."

- "O estudo é muito valioso e devíamos, ao nível do Governo, num ambiente mais restrito, discutir a melhor forma para impulsionar a produção da cana."

FILIPE RAPOSO,
PCA DA DNA E ADMINISTRADOR DA AÇUCAREIRA DA MARAGRA

- “O relatório foi muito bom e levanta questões muito importantes e prioritárias para a indústria e todos os *stakeholders,* incluindo o Governo (central, provincial e distrital).”

- “Uma das omissões do relatório que é muito importante, e é importante que toda a gente deveria perceber que nos últimos 25 anos o preço do açúcar no mercado mundial tem estado 50% abaixo do custo médio de produção, o que reflecte o efeito dos subsídios por parte dos governos. Há poucos países no mundo que não produzem o açúcar a nível mundial, ou seja, são poucos os importadores de açúcar. O açúcar comercializado e exportado é o excedente produzido na maioria dos países e reflecte o facto de não haver custos de produção, através dos fundamentos da procura e oferta, mas sim da indução do subsídio dos grandes produtores, como por exemplo o Brasil e a Índia, que oferecem subsídios de cerca de USD 200 para exportação do açúcar. Neste momento, o país não tem condições fiscais para gerir um sector açucareiro que funcione nestes moldes, o que se traduz numa limitação à expansão, porque a indústria depende do mercado doméstico.”

- “Os preços de referência definem a paridade de importação, ou seja, o Governo de Moçambique considera os custos de produção do açúcar dentro do país. Essa paridade e mecanismo não servem só para suportar a indústria do açúcar, mas também para proteger o consumidor, porque define o teto. Portanto, se não tivéssemos um preço de referência, importaríamos o açúcar do mercado mundial a preços subsidiados pelo Brasil, Tailândia, Índia, entre outros, e, consequentemente, desemprego”.

- “Quando falamos do preço de referência e o custo da cana-de-açúcar no modelo usado em Moçambique, que é o modelo de receita líquida compartilhada, o preço da cana recai sobre a receita líquida que a indústria obtém na comercialização do

açúcar, o que reflecte a existência de um preço de referência da cana. Entretanto, se o modelo requer alguns ajustamentos, estes terão de ser feitos."

- "O que se observa é um pouco de falta de comunicação e de organização por parte dos canavieiros. Tem de existir uma estrutura organizacional, por parte dos produtores, para facilitar a comunicação. Mas, acho que tal é atingível e são assuntos pontuais que podem facilmente ser resolvidos."

- "Só para terminar, falou-se no etanol. A indústria tem um grande potencial para diversificar. O Governo, nos finais da década 90, decidiu reabilitar e criar ou reconstruir um mercado interno de açúcar. Criou os *enablers*, o preço de referência e outras iniciativas. É muito simples, se o objectivo for (aliciante) de criar um mercado interno para o consumo de etanol dentro do país, seja um *blend* de 10%, 15% ou 20%, cabe ao Governo fazer o seu papel de *enabler,* criar as condições, os mecanismos e os instrumentos legais, e a indústria, com a certeza irá seguir da mesma forma que seguiu na produção do açúcar."

ADOLFO MUHOLOVE, REPRESENTANTE DA GAPI

- "A GAPI é uma instituição financeira que tem uma experiência de 20 anos de intervenção na indústria do açúcar, promovendo, particularmente, os pequenos produtores através do financiamento, assistência técnica e literacia financeira."

- "A GAPI tem uma vasta experiência e está representada em todo o país. Na província de Sofala trabalha em parceria com a Tongaat Moçambique e com uma associação produtora da cana que é a Muda Macequesse."

- "A melhor experiência da GAPI está na província de Maputo, onde promovemos uma associação na açucareira de Xinavane que é a associação Makuvulane. O que é importante referenciar é que a GAPI promove, não só a produção da cana-de-açúcar, mas também a cultura de géneros que podem melhorar a dieta alimentar das populações. Mas não só, por exemplo, no âmbito da literacia

financeira conseguimos apoiar a associação Makuvulane que hoje opera a sua própria organização de poupança e empréstimo e a GAPI apenas refinancia."

- "E no âmbito da diversificação da sua produção esta associação tem um pequeno supermercado, um pequeno posto de saúde, uma pequena empresa avícola, isto tudo como resultado da intervenção da GAPI naquela açucareira. Julgo ser uma experiência que pode também ser extrapolada para outras açucareiras, para outros produtores. A GAPI está aberta para partilhar esta experiência e estabelecer outras parcerias."

ERNESTO GOVE,
ANTIGO GOVERNADOR DO BANCO DE MOÇAMBIQUE

- "Começo por saudar o Banco de Moçambique, na pessoa do Sr. Governador pela realização deste 47.º Conselho Consultivo, e estou convencido de que as recomendações que sairão deste Conselho Consultivo vão dar um contributo ao Conselho de Administração na definição das políticas na sua esfera de jurisdição, a bem da estabilidade macroeconómica e financeira."

- "Seguindo a tradição, traz-nos este ponto de debate que é muito importante porque é impactante nos âmbitos económicos e sociais, pelos níveis de emprego que o sector de açúcar gera no país e, também, pelas possibilidades que apresenta para a diversificação da produção. Então, queria também, por esta razão, felicitar ao Banco de Moçambique por este trabalho. Vou cingir-me ao estudo apresentado, porque não sou do sector açucareiro, ou seja, vou focalizar-me nas questões que o estudo apresenta como preocupações."

- "Olhando para a estrutura accionista das empresas que actuam no país, vejo que são empresas com uma exposição internacional e que acumulam experiências que podem ser bem aproveitadas para o país. Vejo, por exemplo, que as açucareiras de Mafambisse, Xinavane e Maragra são empresas cujos accionistas são maioritariamente sul-africanos, e a Tongaat Hulett e a Illovo que são empresas citadas como tendo algum sucesso nos seus países de origem. A minha pergunta

e dúvida é porque é que ao actuar em Moçambique essa experiência não vem ao de cima?"

- "Olhamos para as estatísticas que nos são apresentadas, a produção da cana por ha em Moçambique são 56 toneladas, mas na África do Sul está acima de 90 toneladas por ha. Qual é o problema, quando *a priori* o estudo diz que os nossos solos, as nossas águas e a mão-de-obra estão disponíveis? Portanto, as condições básicas para que se assegure uma produtividade diferente da que nós temos parecem estar criadas, no entanto estamos nas 56 toneladas por ha. Será do investimento? Fraco investimento em tecnologia? Aqui, queria também fazer minhas as contribuições apresentadas de que se calhar faltam-nos alguns centros de estudos, de pesquisa e desenvolvimento, porque é preciso ver se a qualidade e a produtividade da semente que utilizamos são as mesmas utilizadas nos países vizinhos, ou nas experiências apresentadas do Brasil, da China, da Índia, etc."

- "Então, nos dias de hoje a pesquisa e desenvolvimento jogam um papel importante porque não basta que os solos sejam bons, ou que (i) tenhamos água nos 360 dias do ano ou mão-de-obra, é preciso conhecimento e acautelarmo-nos daquilo que é referido no estudo. As pessoas já estão a ter receio, porque já estão a ver máquinas a chegar. É necessário explicar que a aceitação de novas tecnologias inclui a modernização e a inovação é crucial para o desenvolvimento da indústria."

- "Relativamente aos incentivos e proteccionismo, as autoridades podem definir o sector açucareiro como prioritário, e isso tem implicações ao assim definir. Essas implicações passam por saber quais são os incentivos adequados para que a indústria seja competitiva, sabendo que nos países mais desenvolvidos existe o subsídio e a protecção. No passado, pensou-se como proteger o sector por via de sobretaxa sem prejudicar o consumidor, e concluiu-se que é preciso haver um compromisso para aumentar a produção e a produtividade, para desmantelar o proteccionismo até chegar a níveis adequados."

- “O documento faz referência à existência da South African Sugar Association que reúne e estrutura as negociações e soluções para o sector. É uma experiência que pode ser trazida para o país.”

ABÍLIO PILICA,
ANTIGO ADMINISTRADOR DO BANCO DE MOÇAMBIQUE

- “Primeiro saudar o autor do trabalho que nos permitiu efectivamente comparar os vários modelos, produtivos e organizativos de outros países, incluindo o Reino de Essuatíni que, apesar de ser pequeno, está muito avançado na produção da cana comparativamente à Moçambique.”

- “Um dos aspectos que sinto e verifiquei que talvez estejam a contribuir para a redução da produção da cana tem haver com os elevados custos de produção. Vou dar um exemplo de produção na zona de Nhamatanda – Lamego: o tractor rondava MZN 4000/ha para a lavoura, para além do custo elevado de energia. Um produtor na mesma zona que plantou 50 ha teve de pagar à EDM 1 milhão de meticais da factura de energia e quem plantou 30 hectares teve de pagar à EDM 500 mil meticais. São custos excessivamente elevados”.

- “Queria propor que o proteccionismo do Estado não se limitasse apenas à eliminação do IVA, mas que fosse para outros sectores. Porquê é que na época de produção da cana o Governo não apoia com parques industriais de máquinas, assim como faz em relação a outros sectores da agricultura, como o SUSTENTA?”

- “Devia se incrementar ou massificar esta produção ao nível dos pequenos produtores, apoiando através da introdução, por exemplo, de tarifas mais bonificadas de electricidade. A este ritmo em que estamos, nenhum agricultor privado de pequena escala pode abraçar esta área de produção.”

TEOTÓNIO COMICHE,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MOÇAMBICANA DE BANCOS

- "O estudo poderia considerar nas suas conclusões, uma matriz de medidas tomadas pelos países relevantes na produção da cana sacarina, o que permitiria uma leitura comparada com a nossa realidade e apontar prioridades de implementação alinhadas com o desenvolvimento e criação de postos de trabalho."

- "Sobre a produção (nos *slides* 7 e 4 da apresentação), a minha questão é seguinte: que medidas poderiam ser consideradas para aumentar o nível de participação dos canavieiros privados?"

- "Seria possível construir represas e diques de defesas de águas fluviais e transbordo dos rios para apoiar os pequenos agricultores? Um mapeamento de infra-estruturas podia ajudar na compreensão dos problemas do Estado, na promoção de obras públicas de apoio à produção."

- "Seria benéfico repensar no modelo de cálculo de preço da cana sacarina e no cronograma de pagamentos para facilitar a previsibilidade de tesouraria dos canavieiros privados. Verificamos ao longo das várias intervenções que isso é um problema sério, portanto, achamos que é importante pensar um pouco sobre isso."

ACUBAR BAPTISTA,
DIRECTOR NACIONAL DE PROMOCÃO DA AGRICULTURA COMERCIAL (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO RURAL)

- "Gostaria de trazer alguns elementos para clarificar aspectos ligados principalmente à legislação, mas antes gostaria de dizer ao Sr. Filipe Raposo que parece que o que estávamos a discutir antes acabou se materializando neste evento, sinal de que estamos alinhados em assuntos ligados à estratégia. E é algo

que o estudo bem traz, onde aponta para a falta de uma estratégia, mas este é um dos temas que já estamos a discutir."

- "Gostaria de trazer a questão ligada ao preço de referência, que foi aqui bem mencionado. Portanto, não vou ser repetitivo, mas há um aspecto que tem de ser levado em consideração, que é a ineficiência na produção da própria cana e a ineficiência ou eficiência da indústria. Aqui não se falou, mas acredito que este é um aspecto fundamental."

- "Indo de encontro aos incentivos, gostaria, também, de dizer que o Governo, nas várias esferas em que tem trabalhado com o sector privado, reestruturou o Ministério da Agricultura e criou a Direcção na qual estou agora que é especificamente para tratar assuntos do sector privado e uma das áreas em que estamos a trabalhar directamente é o sector do açúcar".

- "Também foi mencionada a questão ligada à organização dos produtores. É um aspecto que estamos a lidar e se forem a verificar, já estivemos a tratar vários assuntos de contradição ou de falta de harmonia entre as empresas - produtores e até às vezes com os empregadores, este é um aspecto muito sensível olhando para a parte social."

- "Por lei já esta estabelecido que todas as linhas de média tensão que estejam ligadas à irrigação para produção de alimentos, têm um beneficio fiscal de 10% de desconto no pagamento. O problema está na taxa do diesel que é já por lei estabelecida, devido à falta de formalização e organização fiscal, o que torna difícil a operacionalização deste incentivo."

- "Moçambique parou de importar o açúcar refinado, e isto é um grande ganho, pois o açúcar está a ser refinado aqui no país. Aquando da entrada deste segmento de mercado, sentamo-nos com a indústria açucareira e um dos pontos abordados foi a diversificação, ou seja, não só produzir o açúcar. Se formos a ver, parte do melaço que produzimos é exportado e não está a ser aproveitado para os vários destinos que podemos dar."

- “A questão da legislação, em termos da percentagem que deve ser usada para os biocombustíveis, já foi acautelada pelo MIREME e já foi aprovada. Então, nós como MADER, defendemos, na altura, a definição de um plano, para juntos trabalharmos e alimentarmos este sonho. Quero concordar com os que me antecederam, ao proporem a criação de uma matriz com acções bem definidas. Penso que teremos todo o terreno para trabalhar.”

- “O recurso que existe para o SUSTENTA é escasso, caso contrário teríamos atendido a todos os pedidos. O que fazemos é com base num plano de produção. Não dizemos que vamos dar ao açúcar ou ao arroz, mas se o sector traz um plano de produção bem concebido, levamos para o *board* que faz a avaliação, aprovação e entrega do financiamento. Saliente-se que o que é entregue lá não é dinheiro vivo, mas sim equipamentos e insumos.”

XADREQUE MUHANZA,
AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA VALE DO ZAMBEZE

- “Venho responder à questão mencionada em relação a intervenção da agência no sector açucareiro. A Agência de Desenvolvimento do Vale do Zambeze tem o açúcar como uma das cadeias prioritárias na área de desenvolvimento socioeconómico da área do vale do Zambeze. É visível a intervenção que foi feita na fábrica do açúcar orgânico em Chemba, onde trabalhamos no envolvimento dos pequenos produtores formados em cooperativas de canavieiros orgânicos.”

- “Foi através do fundo catalítico para inovação e demonstração que foi disponibilizado um financiamento de USD 1.500 mil para o sector privado, para intervenção no processo produtivo do açúcar para o fornecimento a fábrica que é a Ecofarm. Estão envolvidos 535 produtores agrupados em cooperativas e houve, também, intervenções no sentido de dotar estes produtores de meios de produção para a sua integração na cadeia de valor do açúcar orgânico.”

- “Provavelmente, a indicação que teve o Sr. Rodrigo, que levantou a questão, pode ter sido de que outras linhas ou instrumentos financeiros estão a ser implementados em parceria, por exemplo, com o GAPI, focado especificamente na cadeia de valor do arroz. Estamos a implementar o LIFINCA e a outra linha ou instrumento financeiro que está a ser implementado em parceria com o Banco Nacional de Investimento, que tem também o foco na cadeia de valor de hortícolas. Provavelmente tenha sido através destas vias que tentou encontrar financiamento para a cadeia de valor do açúcar e a resposta que teve foi negativa. Mas, se puder se aproximar à nossa Delegação, poderá ter melhor esclarecimento em relação às intervenções que são feitas na cadeia de valor do açúcar.”

- “Tirando este financiamento ou este apoio directo aos cooperativistas em Chemba, também através do programa de mecanização agrária, estamos a trabalhar para o estabelecimento de parques de máquinas que também estão a apoiar o sector açucareiro nos pontos onde há produção do açúcar, falo de Marromeu, Chemba e Mafambisse.”

ELDRIDGE BATISTA, DIRECTOR GERAL DA AÇUCAREIRA DE MAFAMBISSE – TONGAAT HULETT

- “Constato, com muito interesse, à necessidade de o sector fazer a diversificação da indústria.”

- “A experiência de intervenção da Tongaat com as comunidades circunvizinhas ficou patente aquando da eclosão do ciclone IDAI, onde perderam a maior parte da produção da cana de quase três anos de produção que tinham implantados. A Tongaat envolveu-se com as famílias circunvizinhas, doando uma parte da porção de terras que pertencia à fábrica, envolvendo cerca de 300 famílias e criando emprego para cerca de 1000 pessoas. Há pouco tempo a fábrica voltou a fazer uma doação de espaços de terra dedicados à produção de cana e é visível a contribuição para o emprego na zona de operação da fábrica.”

- “É importante a partilha desta informação, porque quando os actores da indústria se juntam para fazer algo em comum, realmente há um desenvolvimento e algo de bom acontece.”

JOÃO PAULINO,
REPRESENTANTE DA UNIZAMBEZE

- “Em relação às questões que se levantaram sobre a modernização ou a baixa produtividade da cana, provavelmente estamos a discutir a produção da cana. Não sei se estão aqui os senhores do Instituto de Investigação Agrária, porque na verdade a modernização da agricultura em Moçambique é baixa, cujo índice não chega a 10%. Essa é uma questão fundamental que tem de ser analisada para ser integrada de modo a aumentar a produção da cana.”

- “No que tenho visto, há muitos programas. O SUSTENTA, mesmo incluindo a companhia açucareira que integra os pequenos produtores não nos acompanha em toda componente de produção. Por exemplo, quando dão instrumentos de produção não tem assistência e quando não tem assistência no final pode isso ter implicações na produção e produtividade.”

- “Relativamente aos custos que também aqui já foram abordados, os pequenos produtores que são integrados na produção da cana, muitas vezes não têm acompanhamento na componente de contabilidade e não se sabe qual é o custo que têm efectivamente. Várias vezes perguntei aos produtores quanto custa 1 tonelada de cana-de-açúcar e estes têm muita dificuldade para dizer quanto é que custa. Não sei se é possível, sem conhecer o custo de produção da cana, especificar em que elemento de custo foi aquela e esta quantidade. Isto também pode contribuir para a baixa produção.”

- “E para terminar também queria eu ouvir, porque está aqui alguém da Agricultura ligado a Agricultura comercial. Nos planos passados do programa de desenvolvimento agrário não estava lá separado entre o sector produtivo familiar e o sector de produção comercial, de tal maneira que a assistência dessas

pessoas não tinha diferenciação e por via disso também pode impactar o nível de produção que aqui se refere baixo".

- "Para terminar, gostaria de sugerir que a intervenção feita ao nível dos produtores seja igualmente acompanhada componente de investigação, porque me parece que não há muita investigação para induzir a adopção de novas tecnologias modernas que possam permitir o aumento da produção e produtividade."

ANEXO 4: Notas Finais do Debate

No geral, as contribuições dos participantes sugerem a necessidade de:

- **Organização dos produtores de cana-de-açúcar em associações**. Os produtores da cana devem constituir-se em associações a nível regional e nacional, à semelhança da APAMO. Tal facto, vai permitir que estes possam discutir, de forma organizada, os problemas do sector, incluindo a negociação do preço de referência da cana, a promoção da educação financeira, a transferência de tecnologia, a eficiência e os custos de produção, entre outros.

- **Constituição de um fórum para discussão dos assuntos relevantes do sector**. Este fórum deverá envolver todos os actores da indústria em processos-chave, como por exemplo na definição do preço da cana-de-açúcar, pesquisa e desenvolvimento, tecnologia adequada à indústria, bem como na concepção de legislação especifica e relevante para o sector.

- **Diversificação da indústria alicerçada numa estratégia para o sector.** Para que a indústria prospere, é necessário que a mesma diversifique e passe a explorar, de forma comercial, os subprodutos da cana para a energia e combustíveis líquidos. A respeito, os representantes da indústria nacional mostraram interesse, desde que estejam criadas todas as condições, inclusive, a provação de um plano director para o sector, com o Estado a actuar como principal *enabler*.